U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

Quinta da Aurora: Arquitectura e Enoturismo

Bernardo Valinhas dos Santos Castelo Ribeiro

M

2020

Quinta da Aurora: Arquitectura e Enoturismo

Bernardo Valinhas dos Santos Castelo Ribeiro

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura apresentada
à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
com orientação da Prof. Doutora Marta Rocha Moreira
Porto, Novembro de 2020

ABSTRACT

This dissertation is part of an intimate connection with Quinta da Aurora. This place, which has belonged to the family since its construction and which already accounts for the passage of several generations, was the ideal pretext to finish my school path, by intervening in a place that is very close to me and which has proved to be a challenge. Due to the characteristics, both existing and proposed for the property, it was possible to develop topics for which I have a special interest while the focus of the intervention was directed as much as possible to the experience of the spaces in relation to each other and not to their value as an independent element.
During the development of the project, some writings were developed that reflect on the issues that showed to be decisive in reaching the final proposal. These texts are not limited to the chapter in which they are presented considering that the actions referred to in them extend to other themes in an attempt to maintain a global and cohesive language throughout exercise.

Keywords: Memory; Atmospheres; Wine; Tourism; Place.

RESUMO

A presente dissertação parte de uma ligação íntima com a Quinta da Aurora. Este lugar, que pertence à família desde a sua construção e que já conta com a passagem de várias gerações, foi o pretexto ideal para finalizar o meu percurso escolar, intervindo num lugar que me é bastante íntimo e que se demonstrou um desafio à altura. Devido às características, tanto existentes como propostas para a quinta, foi possível desenvolver temas com os quais tenho especial interesse sendo que o foco da intervenção se direcionou o máximo possível para a experiência dos espaços em relação uns com os outros e não para o seu valor como elemento independente.
Durante o desenvolvimento do projeto foram sendo escritos textos que refletem sobre as questões que se demonstraram determinantes para a obtenção da proposta final. Estes textos não se limitam ao capítulo em que estão presentes sendo que, os gestos nele referidos, se estendem às outras temáticas numa tentativa de manter uma linguagem global e coesa no conjunto do exercício.

Palavras chave: Memória; Atmosferas; Vinho; Turismo; Lugar.

AGRADECIMENTOS

À Arquiteta Marta Rocha pela dedicação, apoio e amizade com que me brindou desde o primeiro contacto.
Aos meus pais pelo incansável e infinito apoio e amor ao longo da minha vida.
Ao meu irmão pela dura e constante lembrança das responsabilidades e capacidades.
Aos meus amigos pelo presente da amizade.
À FAUP por me dar a conhecer um novo lado da vida.
Aos meus colegas de curso pelo ambiente rico que proporcionaram
E a mim, que com a vossa ajuda fecho este capítulo e avanço para uma nova etapa.
Em resumo, agradeço a quem me atura.

NOTA INTRODUTÓRIA

A seguinte tese, escrita num registo monográfico, incide sobre um projeto de reabilitação e criação de novas instalaçãos vinícolas para a Quinta da Aurora. No seguinte trabalho é inicialmente feita uma introdução ao tema, sendo que, no momento seguinte, é realizada a apresentação do projeto intercalando entre dois momentos diferentes. Num primeiro momento, são apresentadas cartas descritivas escritas na primeira pessoa, e num segundo momento, num registo mais formal, exponho as minhas reflexões e convicções no que diz respeito às minhas opções de projeto. O textos serão acompanhados por imagens que complementam os conceitos e propostas expressados, reforçando assim o peso dos processos e referências tidos em conta no desenvolvimento deste exercício. Todas as imagens que na sua descrição não contenham o nome do autor foram produzidas ou fotografadas pelo autor da tese.



1. “Transporte de uvas nas vinhas do Douro”

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

Arquitectura e enoturismo. 10
Contacto com o vinho. 16

QUINTA DA AURORA

QUINTA
Descrevo o que vejo. 22
Desenho o que imagino.
- O primeiro gesto. 24

CASA GRANDE
Descrevo o que vejo. a casa grande. 28
Desenho o que imagino,
- Redesenho de atmosferas. Novo propósito 36
- Um novo modo de habitar a casa. 42

VINHA E ADEGA
Descrevo o que vejo. 46
Desenho o que imagino.
- Arquitectura de raíz, com raiz no conceito. 50
- Espacialidades e contacto. 62

CASA DE CIMA
Descrevo o que vejo. 68
Desenho o que imagino,
- Do velho, (re)novo. 72

CONSIDERAÇÕES FINAIS
O que via. O que vejo. 80

BIBLIOGRAFIA 84
CRÉDITOS DE IMAGEM 86

INTRODUÇÃO
Arquitectura e enoturismo.

FENÓMENO ENOTURÍSTICO. O QUE É?

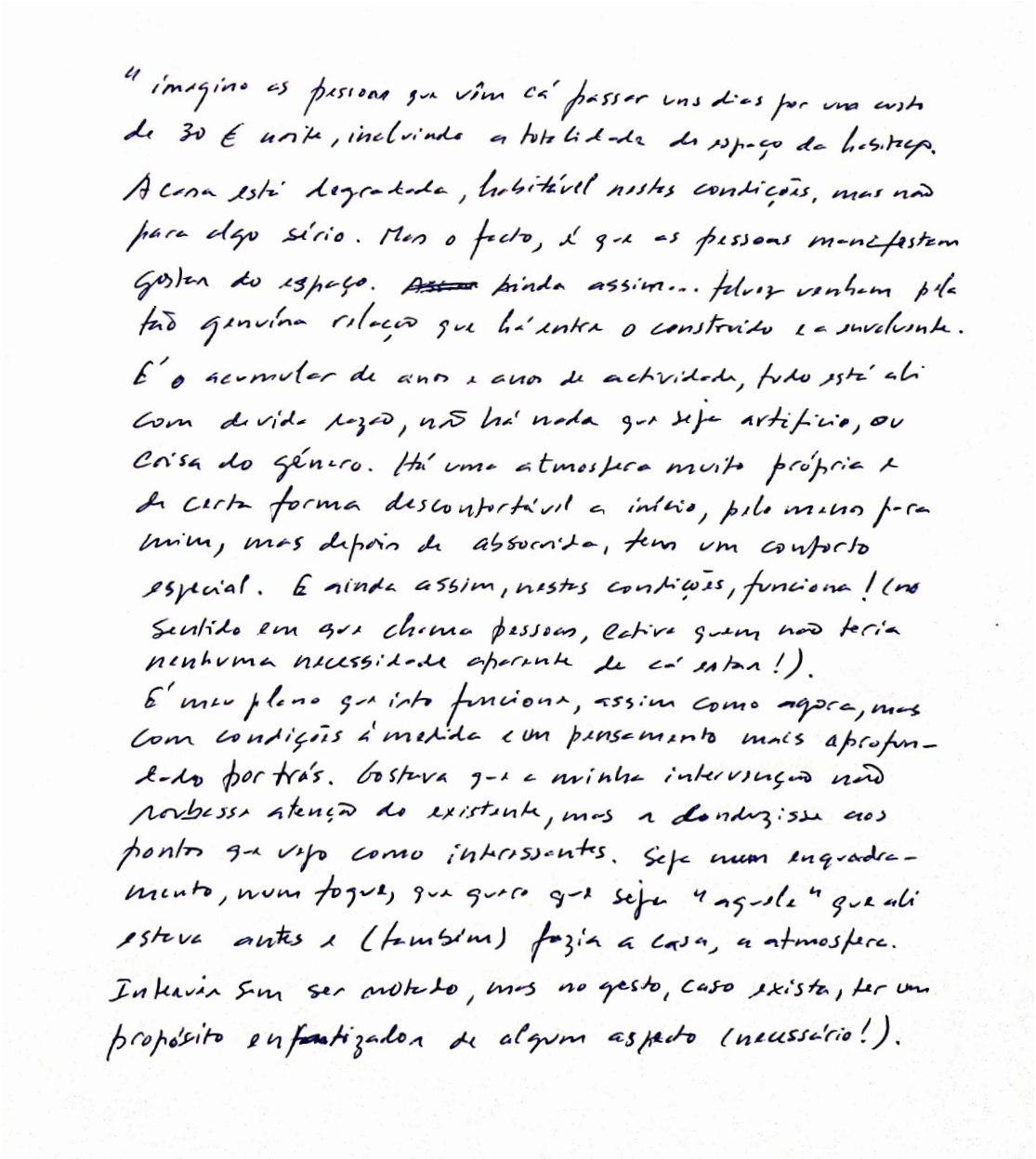
Nas últimas décadas, tem-se verificado uma grande especialização nas variadas indústrias. Com o aumento de qualidade de vida, têm surgido novos nichos de mercado que dão resposta a necessidades de temas específicos emergentes, provenientes de grandes temas-mãe, como é o caso da vinicultura/agricultura. É nesta área que surge o fenómeno enoturístico. Atividade que concilia a vinicultura e o turismo.
Com o constante desenvolvimento do mercado do vinho e consequente aumento de procura e curiosidade sobre o mesmo, a indústria vinícola sentiu a necessidade de se expandir e aliar-se ao meio turístico para responder a este renovado interesse pelo vinho e, consequentemente expandir a sua área de ação e possibilidades de negócio.
Nos anos 60, em Napa Valley, Califórnia, surgem os primeiros complexos enoturísticos, dando-se inicio a um fenómeno que desde então não se retraiu. Na Europa, foi em Bordéus, já na segunda metade dos anos 70, que surgiram os primeiros equipamentos do género, iniciando a expansão a escala mundial deste tipo de mercado.
Em Portugal são vários os complexos enoturísticos, tendo neles programas que variam desde a simples visita a uma cave, como acontece no entreposto do vinho na margem Gaiense, até à "full experience", com direito a visita e albergue nos terrenos onde produzido o vinho.
A experiência no local, permite uma absorção real do processo, a obtenção de um conhecimento primário que completa o conhecimento e experiência adquiridas no consumo deste produto. Este nicho tenta tenta cativar e agrar àqueles que consomem o vinho.
Mas, devido à qualidade de vida nos dias de hoje e abundância destes espaços com grande qualidade e capacidade, estes tornaram-se por si só um atrativo de lazer e descanso, sendo por vezes o contacto com o vinho uma consequência. A Arquitetura desempenha aqui um papel primário, sendo que é e tem sido um dos fatores que permitiu esta mutação e que tem em si implícita a capacidade e dever de reforçar os valores e características do meio em que se insere.



2. “Armazenamento das pipas”; *autor desconhecido*



3. Prensa das uvas, autor desconhecido.


"imagino as pessoas que vêm cá passar uns dias por uma custo de 30 € unite, incluindo a totalidade do espaço da habitação. A casa está degradada, habitável nestas condições, mas não para algo sério. Mas o facto, é que as pessoas manifestam gostar do espaço. ~~Assim~~ Ainda assim... talvez venham pela tão genuína relação que há entre o construído e envolvente. É o acumular de ano e ano de actividade, tudo está ali com devida razão, não há nada que seja artifício, ou coisa do género. Há uma atmosfera muito própria e de certa forma desconfortável a início, pelo menos para mim, mas depois de absorvida, tem um conforto especial. E ainda assim, nestas condições, funciona! (no sentido em que chama pessoas, cativa quem não teria nenhuma necessidade aparente de cá estar!).
É meu plano que isto funciona, assim como agora, mas com condições à medida e um pensamento mais aprofundado por trás. Gostava que a minha intervenção não roubasse atenção do existente, mas a conduzisse aos pontos que vejo como interessantes. Seja num enquadramento, num foque, que quero que seja "aquele" que ali estava antes e (também) fazia a casa, a atmosfera.
Intervir sim ser autor, mas no gesto, caso exista, ter um propósito enfatizador de algum aspecto (necessário!).

4. "Carta da vontade"

PAPEL DA ARQUITETURA NOS PROJETOS ENOTURÍSTICOS

Nos últimos anos, tem sido dada uma atenção redobrada a estes complexos vinícolas, que se viram alterados na tipologia e passaram a albergar visitantes. A atenção e cuidado dado ao desenho de arquitectura, por vezes chega a ser ele próprio um motivo para a visita, como acontece em muitos projetos de autor. O olhar do arquiteto permitiu, por vezes, a concretização de projetos que devido ao seu desenho, se impuseram como atrativo pela sua arquitetura e demonstraram ser um passo certo na valorização da quinta/empresa em que que se insere. Não descurando as componentes técnicas indispensáveis à produção do vinho, o valor formal/estético destes complexos foi tido em conta, sendo ele um dos fatores de sucesso na indústria do turismo e que, logicamente, levou a que as opções de arquitetura tivessem um cuidado redobrado, assim como quem as fazia. Revelando-se com soluções estéticas distintas, vários complexos demonstraram que a sua pele seria um dos fatores decisivos para a atmosfera do espaço. Dois projetos que surgiram no processo de pesquisa, como referências a ter em conta, são as obras do arquiteto Álvaro Siza Vieira, na Adega Mayor e na Quinta do Portal. Estas duas construções despertaram especial interesse devido a um certo paralelismo existente na sua concepção, mas que resulta em soluções com uma percepção visual bastante distinta. Estes dois complexos partilham traços volumétricos semelhantes, assim como características de implantação na



5. Adega Mayor; 2007; Arq. Álvaro Siza Vieira; fotografia de Fernando Guerra

paisagem que também são idênticas, com uma grande vista e posição estratégica no terreno. O ponto em que se distinguem, e que resulta nesta diferença da perceção, é o do material utilizado para fazer o revestimento do edifício. A Adega Mayor, erguida em paredes brancas e cegas com 9 metros de altura constrasta fortemente com a linguagem utilizada na Quinta do Portal em que o revestimento do edifício foi feito em granito, xisto e no piso de cima utilizado reboco pintado num tom argiloso. Apesar de nenhuma das construções, devido ao seu desenho extremamente depurado, sobressair de forma demasiado exuberante, e partilharem os traços característicos de Siza Vieira, na Quinta do Portal, a forma como os materiais se conjugam confere à construção uma sensação orgânica, como se esta tivesse desabrochado da terra onde assentam, não revelando à primeira vista, nem a época da construção nem a força do gesto implícito nela. Já a Adega Mayor, não sendo também um projeto de arquitetura que se impõe de forma soberana na paisagem, marca a sua presença local de forma pouco mais forte. Implantada de forma simples e neutra no terreno, as suas linhas direitas e paredes brancas alongadas, marcam um ponto exceção na paisagem e conferem um estatuto diferente do caso anterior. Aqui, a obra faz-se notar ainda que num gesto contido e simples. O exemplo destas duas obras serve como um alerta para a importância dos materiais na obtenção de certas atmosferas, tema que sempre teve importância no processo de estudo.

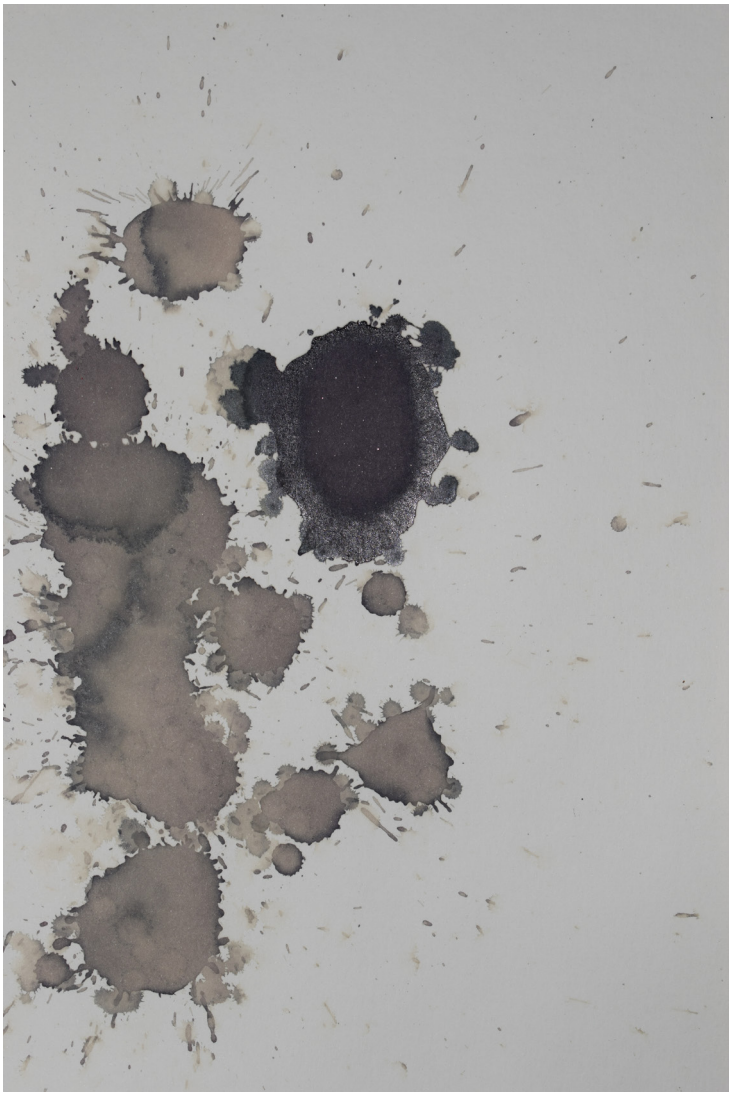


6. Quinta do Portal; 2008; Arq. Álvaro Siza Vieira; fotografia de Fernando Guerra

INTRODUÇÃO
Contacto com o vinho.

SENSAÇÕES DO VINHO

Parte do prazer de viajar para algum sítio, é o contacto com sensações que nos são novas ou anormais. No caso do vinho, desde o terreno à adega, há sensações que me parecem imprescindíveis para estes espaços, ainda que nada tenham de relação com questões técnicas identificadas. Na vinha, o passeio entre fiadas, o toque das coisas, e o provocar do mesmo, são gestos que penso levarem o personagem a interagir com o local de forma mais profunda. Não é minha ideia proteger o personagem da natureza, ele está cá por isso mesmo, para essa interação, ainda que de certa forma controlada. No interior da adega, as recordações fortes dos espaços vêm dos sentidos, da frieza que transpiravam as pesadas pedras que erguiam a casa. Na adega era assim: uma certa fresco, pouca luz, e um aroma intenso. Local de trabalho com espaço para manobrar a maquinaria, as mesmas pedras que formam as paredes, desenham o tanque. E as cubas e pipos, perfeitamente ambientados, tapam as paredes cegas de forma natural e quase indispensável. Tudo se comunica e encaixa, a adega apresenta-se como um ecossistema simples e dinâmico que se altera coordenado com os timings do vinho.
Obviamente que estas sensações são impossíveis de replicar de forma exata numa nova construção, devido à componente técnica adjacente aos novos materiais e ao tempo. Mas, da mesma forma que numa reabilitação um caixilho pode ser re-interpretado com uma linguagem moderna em material metálico, de forma a respeitar a identidade da construção, também estão sensações podem ser transportadas para novos materiais que partilhem algumas características físicas, como é caso do betão e a pedra. Perde-se o padrão do emparelhamento de grande blocos de pedra, mas não se perde o toque, duro e frio do betão que transporta esta carga forte e típica destes espaços. As novas sensações, espera-se que sejam uma continuação do que haveria nos antigos espaços, uma continuação natural com vista numa evolução sustentada e justificada.



7. “Tinto”; vinho tinto em papel

O PEDIDO. PROGRAMA.

De forma a elaborar um programa para a Quinta da Aurora, coloquei-me na posição de cliente e investidor e tentei compreender o que é que a Quinta necessitava para se tornar numa instalação enoturística rentável e cativante. Dentro dos dois campos de ação, o do turismo e o da indústria vinhateira, há uma infinidade de caminhos que poderiam ser tomados e que iriam influenciar as possibilidades de negócio no futuro. Do ponto de vista de um investidor, parece fulcral rentabilizar os variados pontos de oportunidade existentes de forma a criar um vasto leque de oferta. Desde o acolhedor terreno da casa grande, ao simples e íntimo ambiente que há na casa de cima passando pela vinha e adega, há uma variada oferta de atividades que, apesar de simples, valorizam e alargam as experiências pretendidas para o local. Realizo as escolhas do programa nesse sentido, promovendo um negócio diverso e dinâmico, que responda a várias possibilidades de negócio. Desta forma, enumero então os pedidos e/ou elementos do programa por parcela.





8. “Things come apart”; Todd McLellan
9. “Things come apart”; Todd McLellan

CASA GRANDE

Alojamento
Lazer
Serviços de Receção

- Adaptação para turismo de habitação. O edifício deve abrigar o número máximo de hóspedes possível, sem comprometer o conforto dos mesmo. Os quartos podem e devem apresentar tipologias distintas
- Criação de uma receção
- Remodelação da cozinha
- Criação de espaços didático sobre o vinho
- Redesenho dos jardins e piscina
- Criação de zona de churrasco

VINHA e ADEGA

Adega
Armazém
Sala Polivalente
Zona de cozinha

- Definição de caminhos
- Projeto da adega
- Recepção
- Adega
- Armazém
- Armazém de produtos especiais
- Garagem
- Arrumos da adega, e arrumos técnicos
- Instalações Sanitárias/Balneários
- Sala de provas com Kitchnet
- Espaço para conferências
- Zona de exposição
- Esplanada
- Estacionamento

CASA DE CIMA

Alojamento privado
Lazer
Espaço Privado

-Transformação e ampliação do volume para turismo de habitação
- Zona exterior semi-coberta
- Jardim
- Vinha/Horta
- Lugar de estacionamento

QUINTA DA AURORA

Descrevo o que vejo. Desenho o que imagino.

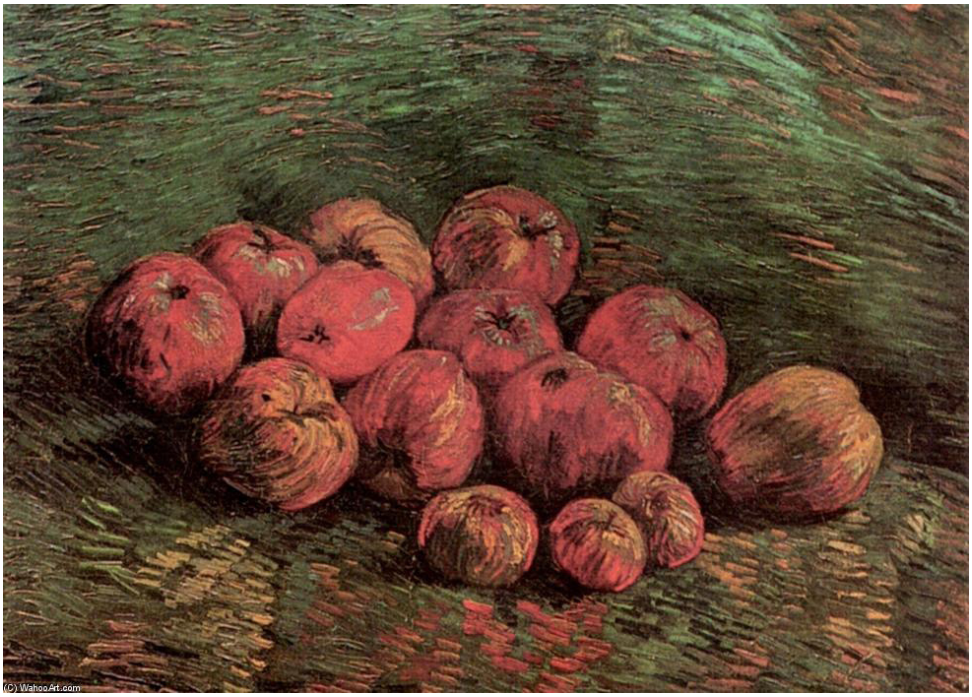


10. Vista aérea. Relação da Quinta da Aurora com a envolvente alargada.



11. Quinta da Aurora. Jardim.

QUINTA, *Descrevo o que vejo.*



12. “Natureza morta com maças”; 1887-88; óleo sobre tela; Vincent Van Gogh

São duas (horas) da tarde, cheguei a Lousada. Sentei-me numa esplanada para beber um café e refletir sobre os caminhos que este trabalho/ estudo poderá tomar. Aproveito, escrevo um pouco, expectando sobre o que virá ao meu encontro neste desafio, sobre o que foi aquele sítio , o que pode ser que seja hoje já que lá não vou faz uns meses, ou será um dia segundo a imagem do meu projeto.

Daqui ao terreno de estudo são uns 4 minutos de carro, a pé seriam uns 20 ou 30. O sítio é ligeiramente deslocado do centro desta vila - que tem cara de cidade -, mas nada demais, a distância suficiente para fugir de toda a agitação mas também o suficiente para estar perto de tudo o que é preciso para aqueles que sentem falta da agitação urbana.

Já sobre a quinta, lembro-me de ser pequeno e correr pelas vinhas, deitar aos mãos e cabeça à agua do tanque nos dias de maior calor, da sensação suja que as uvas e a tesoura que as cortava me deixava na mão, do meu avó, trapalhão, a ir a todo o sítio que podia para mexer mais alguma coisa, ou podar, adubar, o que seja que fosse preciso para o terreno, ou até para ele… Lembro a minha avó, na casinha, panelas a aquecer e as mãos suaves agarradas a tudo que havia para fazer…

É um terreno relativamente pequeno. Cheio de história da família, da qual maior parte nem conhecimento tenho. Por aqui passou toda a família do meu avó paterno, moravam na casa grande, agora da minha Tia-avó Maria (que felizmente ainda vai utilizando esporadicamente), chegaram a ser uns 7 a viver cá ao mesmo tempo, gerações distintas, sempre o mesmo sangue… Por agora, na metade de cima, vai ficando tudo um pouco ao abandono, com a doença do avó o terreno de cima ficou sem "sem dono", ou antes, com dono, mas sem a capacidade de tomar conta como d'antes. A vida neste bocado de cima é pouca, e vai-se prendendo a uma visita ou outra de um dos meus pais e tios para apanhar fruta, com excepção no dia da vindima, em que tudo volta a funcionar por esse único dia. A casa grande lá se vai safando, renovando os ares, maioritariamente na época de calor com o intuito de utilizar a piscina e a calma da zona. A minha tia-avó, despachada, faz o sítio render alugando uns fins de semana durante o ano. Mas a grande agitação ficava apenas para a rotineira vindima pelos meses de Setembro ou Outubro. Essa que era o ex-libris de todo o terreno (pelo menos para mim!), o momento de reunião da família, do trabalho em conjunto, que se tudo correr bem,(que, verdade seja dita, corria muitas vezes mal, pelo que me diziam os "entendidos" na matéria), dará garrafas cheias de bom vinho para ser apreciado pelo ano fora ou então… tempero. Uniam-se os dois polos, colhia-se de um lado, esmagava-se no outro. Oleava aquele que é o coração do lugar com os cheiros e sabores do vinho. Vou fazer por respeitar a ligação.

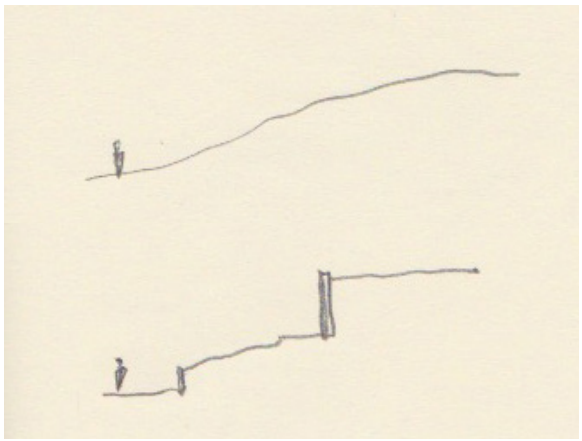
Pouco me daria continuar a divagar sobre o que são as minhas memórias/ e vontades, neste momento o trabalho impera. Este, virá na mesma forma que vieram estas palavras, por instinto, pela memória, pelo estímulo que o lugar me está a dar, e por referências que certamente já me surgiram no caminho e surgirão no decorrer do estudo. Espero conseguir ser transparente, mostrar o que penso, traduzir o meu entendimento do lugar e suas necessidades, tendo em foco o gesto Arquitetónico e a sua razão de ser.

QUINTA, *Desenho o que imagino.*
Primeiro gesto.

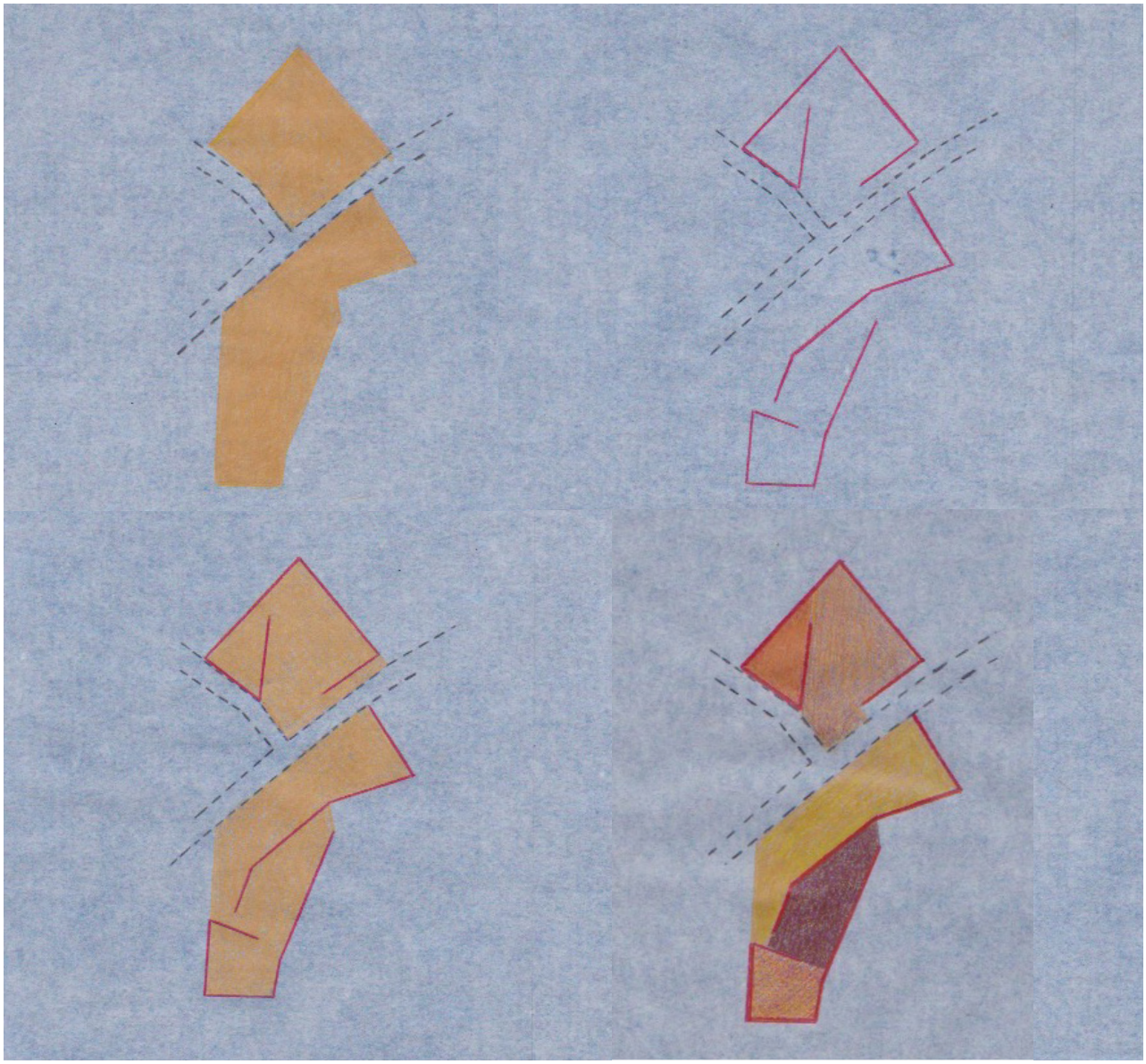
GESTO MURO

Tudo começa com um gesto. Este revela um pensamento ou uma vontade. Assim que iniciada a minha relação arquitetónica com o lugar, houve um elemento que se foi apresentando constantemente nos meus desenhos e raciocínios iniciais e que veio a formular toda a Ideia de projeto da Adega e do espaço envolvente. Absorvi e apelidei este elemento como “gesto muro”. Neste terreno, que apresenta uma larga variedade de zonas de intervenção e topografias, senti desde cedo a necessidade de parcelar o terreno segundo funções, assim como controlar da melhor forma as suas cotas e desenho. Surge então o muro como elemento que acerta e estabelece de forma primária os limites entre as partes, modela o terreno para a nova realidade que agrega e que de forma natural encaminha o projeto de arquitetura para um conceito que nesta altura ainda me era invisível. Inconscientemente influenciado pelas imagens das encostas do rio Douro, caracterizadas pelos rochosos socalcos, interpreto o terreno de forma a compreender as suas necessidades. Questões como a espacialidade, contenção de terras, circulações, privacidade e necessidades de estacionamento foram temas que vieram a validar desde cedo alguns destes pequenos e assertivos “gestos muro” presentes no redesenho do espaço exterior.



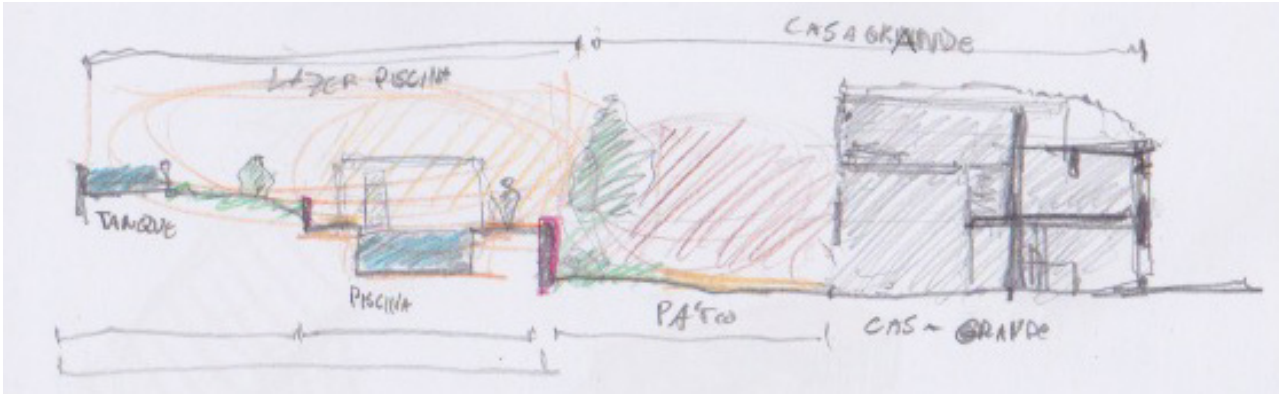


13. Socalcos do Douro; auto desconhecido
14. Desenhos conceptuais do gesto muro

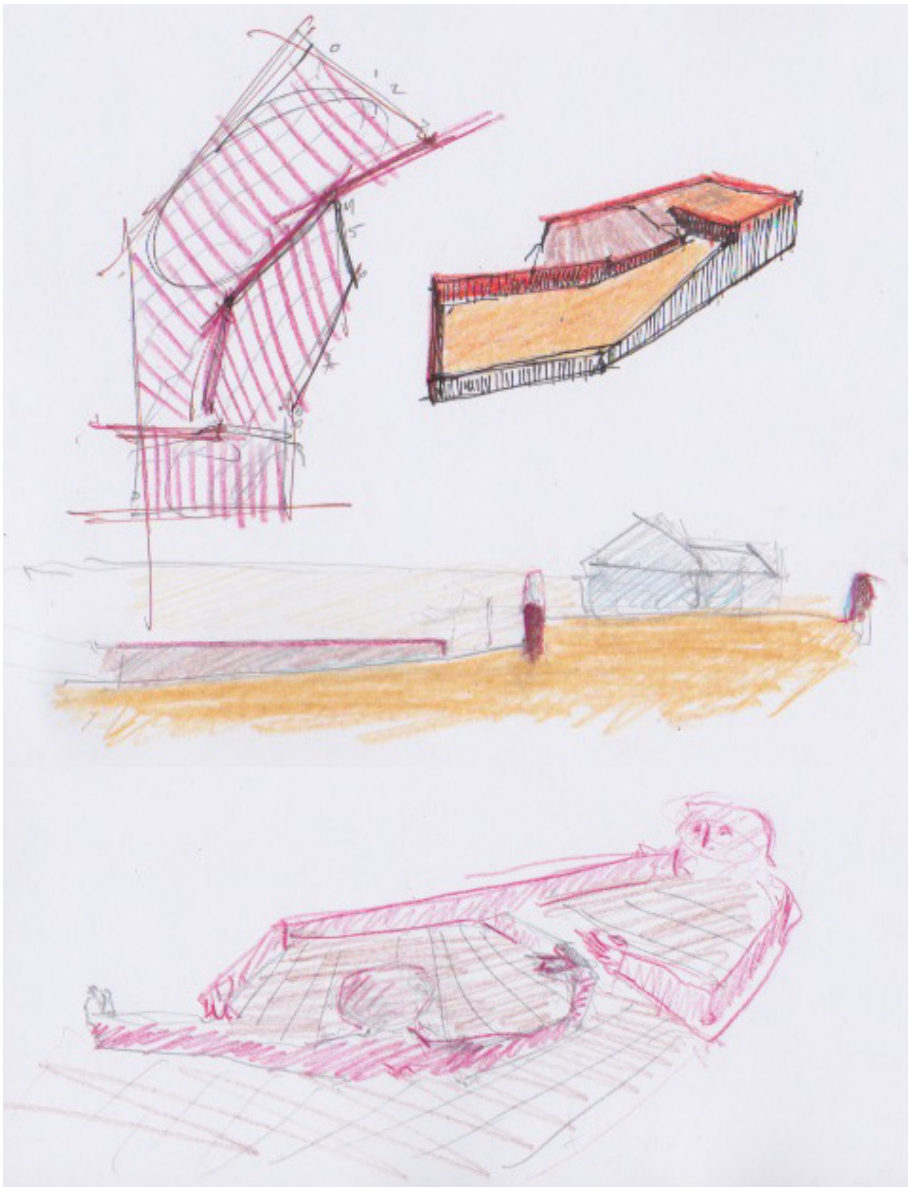


15. Divisão de microuniversos. Desenho de conceito

Seguindo este raciocínio, foi feita a divisão da parcela de cima em três micro universos e a parcela de baixo, pertencente à casa grande, em outros dois. Neste último caso, o gesto prende-se às pré-existências, sendo que é apenas redesenhado o traçado do desnível que separa a zona de piscina do restante espaço exterior da casa grande. Na parcela que está do outro lado da estrada, mais elevada e onde fica a vinha, futura adega e casa de cima, o gesto é mais assertivo e marcado no terreno não quebrando a leitura espacial do local, que é bastante agradável e corresponde à atmosfera pretendida. Erguem-se muros que contêm as terras e se prolongam como se abraçassem o terreno, contendo-o nos locais onde atua. Estes muros são pensados como uma continuação orgânica do terreno, seguindo o alinhamento das curvas de nível, acertando-as com renovada geometria e propósito. Nestes espaços entre muros estão inseridos micro universos, zonas reservadas a uma atividade que responde ao proposito global do projeto. Estes microuniversos, que se parecem afastar neste gesto, estão interligados pelo ato arquitetónico que promove interações entre microuniversos.
A criação de espaços habitáveis, caminhos de ligação e pontos contactos entre zonas será o factor que agregará e irá conferir união e propósito ao gesto muro. O traçado definido neste momento é apenas um ponto de partida, sendo que a Arquitetura nele aplicada irá inevitávelmente promover algumas quebras neste desenho conceptual.



16. Esquisso de projeto da casa grande. Relações entre espaços e muro.

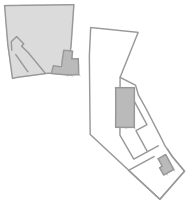


17. Esquisso de projeto da vinha e casa de cima. Muros e micro universos

CASA GRANDE, *Descrevo o que vejo.*



18. Entrada na casa grande.



Chego à casa grande, ou "casa-mãe", como o meu pai lhe chama. Sinto-me envolvido por um ambiente rural diferente. Mais trabalhado e intimista, apesar de algo degradado. A seu jeito, mais habitável e agradável que a parte de cima para aqueles que como eu, "sofrem" nesta transição da cidade para o campo. Aqui, denoto 3 temas diferentes a compor a parcela. O da casa, erguida à face das duas ruas e que delimitam o gaveto desta porção de terreno. A piscina, que enquanto escrevo está a sofrer uma remodelação do piso para acolher com melhor condição os netos e filhos nos dias quentes de verão, e uma zona agrícola, com árvores de fruto, um quintal e uma fiada de vinha que dobra no limites do terreno com o vizinho e a estrada. À primeira vista, esta solitária fiada é a única ligação aparente entre os dois terrenos.

Já sobre a casa, tem uma dimensão considerável, erguida em pedra que tanto está completamente rebocada como fica à vista, mostrando as suas juntas brancas argamassadas. A cobertura é feita com várias águas, sendo que acompanha o desacerto dos volumes que servem de base. Em dois momentos elevam-se dois pequenos volume que mostram que o espaço do sotão é aproveitado. Já nas paredes, as janelas existentes são estreitas, com menos de um metro de largura e a verticalidade marcada. Nestas, os caixilhos castanhos de madeira, combinam perfeitamente o tom do telhado que está cravejado que musgo e fungos. Apenas numa das paredes voltadas para o interior do lote e associado à entrada e cozinha existe uma janela horizontal. Aqui, uma grande janela metálica e horizontal, composta por 4 ou 5 folhas móveis que fecham o que foi um alpendre. Na parede exterior perpendicularmente contígua, o volume espelha um desenho diferente do esperado. A grande massa é recortada e o alçado apresenta-se como um corte em pedra à escala real sendo então o remate com o telhado um expressivo triângulo. Esta volumetria, combinada com as grandes árvores dão uma espacialidade bastante controlada e íntima, onde o sossego impera e as influências exteriores pouco se fazem notar.

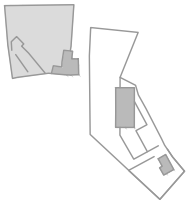
Na minha infância, era aqui que vínhamos quando chegava a hora de espremer as uvas, ou então, em esporádicas visitas durante o ano quando o avó tinha que afinar a receita do vinho, engarrafá-lo, ou simplesmente rever-se na vida que aqui havia. Aos meus olhos, era no andar de baixo que tudo acontecia, a parte de cima era um mistério, à parte da cozinha. Aqui em baixo há uma pequena adega, bem soturna, com tanque esculpido em pedra, uma prensa circular e meia dúzia de pipos e cubas metálicas. A zona de arrumação continua como era: estreita, cheia de móveis, garrafas, outras coisas arrumadas como as batatas, que aqui haviam sempre em quantidade absurda para o que achava suposto, assim como o pó, as teias, os vestígios de quem cá vive a tempo inteiro mas não tem nome de gente… Ainda hoje, talvez por ser um "menino da cidade", andar nesta zona me cativa apesar dos arrepios que as aranhas me trazem. Continuo a sentir o ambiente das paredes, das vigas de madeira que descansam quase rente às cabeças e que me parece tão puro, tão







19. Casa grande vista do terreno de cima.
20. Entrada para a antiga adega e garagem.
21. Pátio da casa grande



genuíno para servir uma função que não pede luxo, apenas o necessário para acontecer. Agora, já não tem razão de ser e isso puxa-me para pensar no que poderia alterar, no que poderia aqui existir e renovar o construído. Na impossibilidade de continuar a manter funções, como é que isto, que é tão para isto que vejo, pode ser outra coisa, mais rica e enriquecedora para a Quinta.

Os pisos de cima, como já referi, para mim foram sempre um mistério. Até há pouco tempo não sabia o que lá havia. À parte da cozinha, nessa eu lembro-me de entrar rapidamente para um copo de água; da sua mesa com bancos corridos, lareira e pouca luz. O resto do piso, descobri ter um pequeno hall junto da porta da frente, liga a um dos 3 pequenos quartos do piso, de seguida, está ligado a duas salas, diretamente ou por um corredor, que fazem as ligações entre programas e criam um circuito de circulação. Este que dá acesso a mais dois quartos, a um arrumo, à cozinha e a duas escadas distintas presentes no curto corredor entre o hall e a sala pequena. Ligam ao segundo piso onde foi aproveitado o vão do telhado para fazer mais um e dois quartos, respetivamente, tendo sido um deles ampliado para suíte, com uma casa de banho num dos bochechos que ressaltam no desenho exterior das águas do telhado.

No geral, a casa está toda mobilada com equipamento antigo, marcados pelo tempo, livros manchados, muitos castiçais, e copos guardados no aparador da sala pequena. Tem uma áurea à sua volta, e dá um certo calor ao espaço. Os materiais, a madeira e pedra, tão orgânicas, acolhem de forma especial, que sinto ser própria daqui, seja lá porque for. Ainda não absorvi bem que chegue esta parte da casa. Felizmente está a cativar-me para um ambiente familiar, onde as salas chamam por pessoas, por convívio. A forma como está disposta, permite a reclusão e no atravessar de uma porta, abertura, dinâmica. Certamente facilitar-me-á o trabalho.

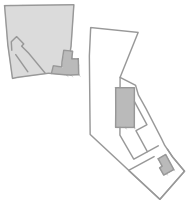


22. Arrumos da adega.





23. Percurso exterior
24. Vista da piscina para a casa grande







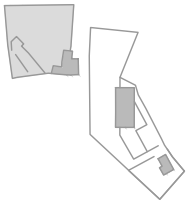
25. Piscina
26. Zona agrícola da casa de baixo e vinha ao fundo.







27. Vista da zona agricola para a casa grande
28. Sala pequena
29. Cozinha







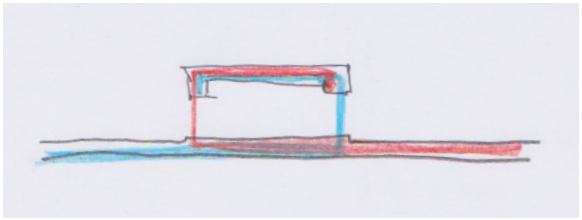


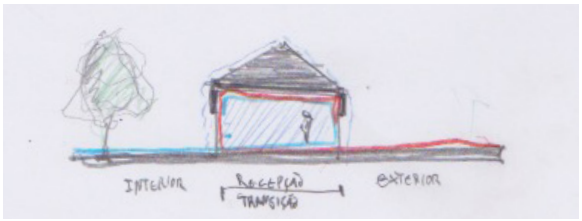
30. Sala grande
31. Corredor de acesso
32. Quarto de cima

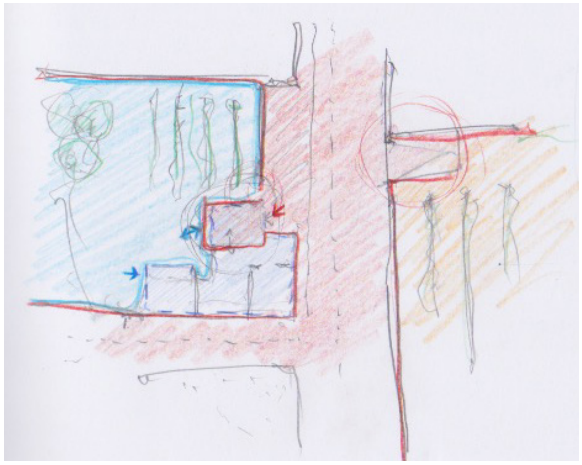
CASA GRANDE, *Desenho o que imagino.*
Redesenho de atmosferas. Novo propósito.

RECEÇÃO

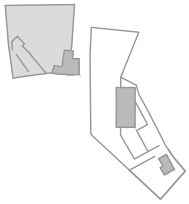
Quem se dirige à Quinta da Aurora pela estrada nacional, no momento de chegada encontra um atípico alargamento da estrada. Este espaço, que serve de estacionamento e cais de cargas e descargas, permite o início do que se pretende ser uma experiência imersiva neste lugar do vinho. As vinhas, que envolvem os dois lados deste lugar ambientam e fazem sobressair a casa grande da quinta. Logo à entrada do edifício, e com fácil acesso por vários lados, está a sala de receção aos visitantes. Este espaço, com ligação direta à antiga adega será o primeiro contacto com as gentes da Quinta, num local repleto de parafernália do meio e a informação indispensável sobre o funcionamento das instalações. A sua localização na casa, separada dos espaços destinados aos hóspedes que ali possam pernoitar, faz com que a sua estadia não sofra interrupções a não ser que procuradas. Desta forma, promove-se uma vivência mais natural do local, sem aparentes restrições no uso a não ser as do senso comum e as que os clientes entendam, criando assim um ambiente caseiro para quem vive o espaço. Esta opção de projeto é determinante não só para este espaço, como para os outros todos, libertando-os de uma carga desnecessária e criando as condições para uma vivência mais livre.







33. Esquisso de relações. Conceito
34. Esquisso de relações. Recepção
35. Esquisso de relações interior/exterior/muro





Legenda: 1- Entrada 2-Vinha 3-Receção 4-Biblioteca 5-Zona de exposição 6-Arrumo

1:200 0 1 2,5 5m

36. Casa grande. Planta piso 0

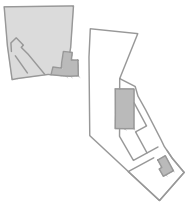
REAVIVAR ATMOSFERAS

Dentro da casa há um ambiente especial, muito próprio da época e da forma como aqui se vivia. Para além de fazer necessárias mudanças na casa o Arquiteto procura também potenciar e aproveitar o que de melhor nela existe. Um desses elementos é a atmosfera. A construção, no estado de degradação que aparenta, obviamente não satisfaz as necessidades de uma instalação turística mas, na intervenção arquitetónica de transformação, é possível conciliar as duas partes, intervindo de forma leve e respeitadora da estética e do método construtivo lá presentes de forma a que os necessários novos traços não deturpem a realidade existente. Um ótimo exemplo para compreender este tipo de gesto é a reabilitação feita pelo arquiteto Nuno Valentim na Casa Lina e na Casa da Calçada de Santo Amaro, em que a caixilharia mantém a sua linguagem, assim como alguns elementos construtivos à vista (vigas no sotão), não são substituídos por soluções mais modernas respeitando a verdade daquela construção. Ainda que alguns elementos estejam pintados de branco num dos casos, a sua presença formal remete automaticamente a algo anterior ao tempo atual. São os traços de uma atmosfera agora reavivada que torna este local especial e específico de uma época/espaço de tempo. A atmosfera regenera-se e existe de forma inevitavelmente diferente mas ainda assim sustentada pelas mesmas bases pré-existentes.



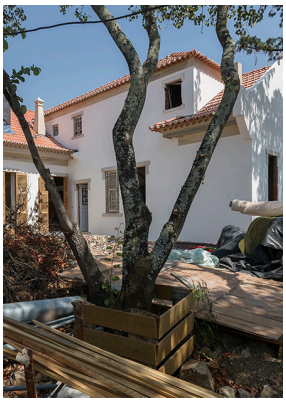


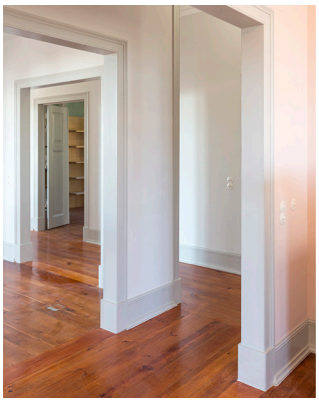
37. Casa Lina; 2006-09; Arq. Nuno Valentim
38. Casa Lina; 2006-09; Arq. Nuno Valentim









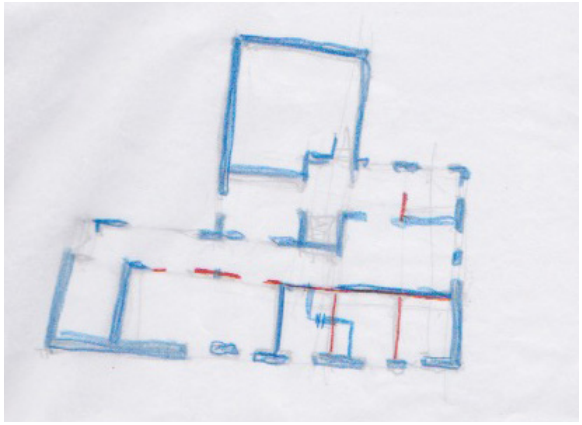




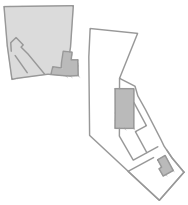
39. Calçada de Santo Amaro; 2014-16; Arq. Nuno Valentim e Maria Ana Sousa Coutinho
40. Calçada de Santo Amaro; 2014-16; Arq. Nuno Valentim e Maria Ana Sousa Coutinho
41. Calçada de Santo Amaro; 2014-16; Arq. Nuno Valentim e Maria Ana Sousa Coutinho

ESPAÇOS COMUNS

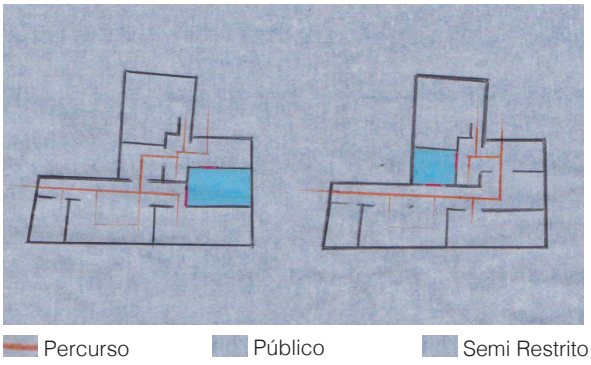
A vida conjunta com pessoas desconhecidas num empreendimento turístico é algo praticamente inevitável. Como tal, os espaços comuns, reservados para o efeito, devem ser pensados numa ótica de polivalência dos elementos que permitam uma apropriação temporária dos lugares. Num equipamento como este esperam-se pessoas de todo o tipo e, enquanto a comunhão entre grupos distintos pode ser uma mais valia, continuam a haver momentos em que a privacidade se torna imperativa para a realização de certas atividades, sejam elas uma simples reunião ou o festejo de uma ocasião especial. Seguindo esta lógica de uma vivência livre que permite a apropriação, no interior manteve-se a distribuição das salas e cozinha, sendo que a sala pequena se torna um local semi-restrito passível de ser reservado. Em casos especiais, estes papéis poderão ser invertidos dado que a circulação entre cozinha e células de habitação estará sempre garantida por uma das salas. A cozinha, agora ligeiramente mais ampla por ocupar o corredor que fazia a ligação entre porta traseira e as salas, será comunitária conferindo um carácter íntimo, apropriado ao ambiente de partilha que se pretende para as instalações. Ainda nos espaços interiores, e de forma a potenciar os equipamentos da quinta, criou-se uma biblioteca na velha adega que agora se encontra desativada. Este local, será uma espécie de santuário literário às artes da Quinta, desde a Vinicultura à Arquitectura. É uma zona de lazer, calma e intimamente virada para si, trata-se de um espaço de intervalo, pensado para ser vivido lentamente, à velocidade da leitura. No exterior, os espaços comuns remetem-se à área da piscina e churrasco. Para um equipamento desta tipologia era importante ter este tipo de

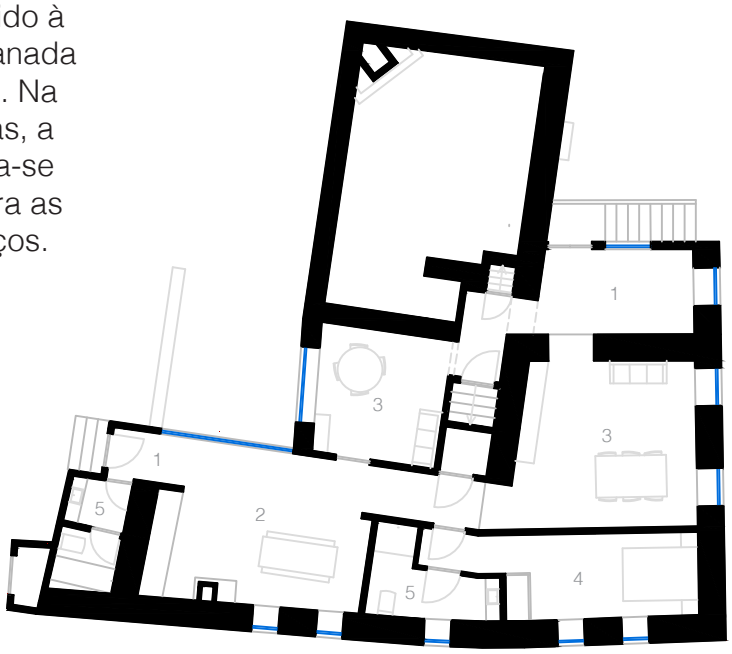


42. Planta de demolição/construção.



atividades incluídas no leque de ofertas e para o arquiteto, é uma oportunidade que tem para aprofundar esta relação entre utilizador e o vinho. Nesse sentido, e aproveitando os princípios de desenho utilizados na adega, foi redesenhado o espaço da piscina sendo alterado o muro de suporte, que faz agora um desacerto que permite a implantação de um espaço livre, apropriado para uma esplanada. Esta zona apesar de próxima da piscina, contrasta na sua abertura. Aqui, os elementos vegetais, devido à sua disposição, envolvem a esplanada sendo eles próprios as “paredes”. Na piscina e por necessidades óbvias, a vegetação é menos densa e limita-se ao essencial dando liberdade para as atividades habituais nestes espaços.





Legenda: 1- Entrada 2-Cozinha 3-Sala 4-Quarto 5-Casa de banho 6-Arrumo

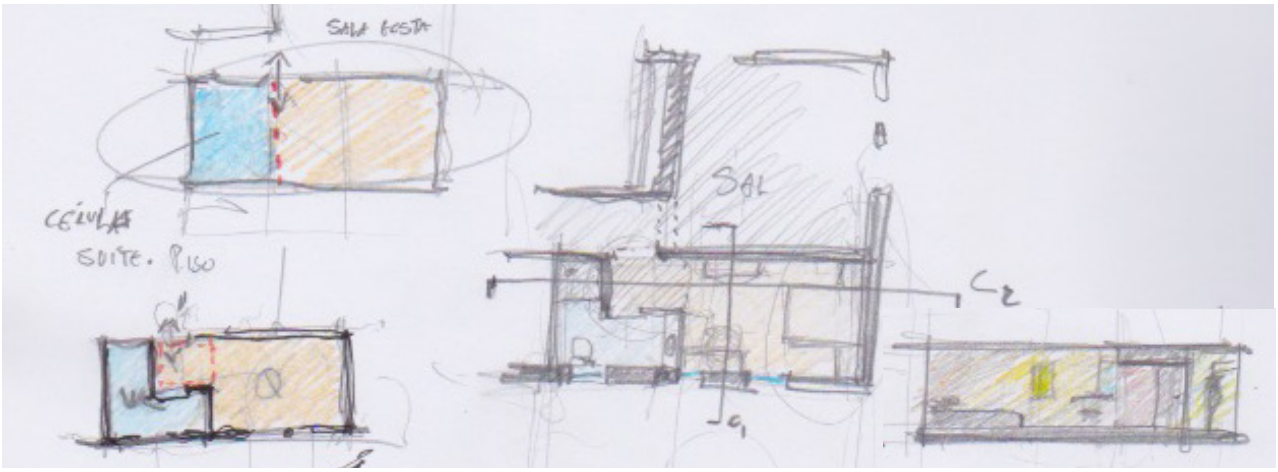
1:200
0 1 2,5 5m

43. Esquema de percursos e salas.
44. Casa grande. Planta piso 1

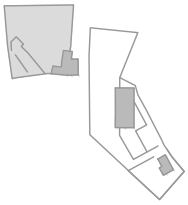
CASA GRANDE, *Desenho o que imagino.*
Um novo modo de habitar a casa.

CÉLULAS DE HABITAÇÃO.

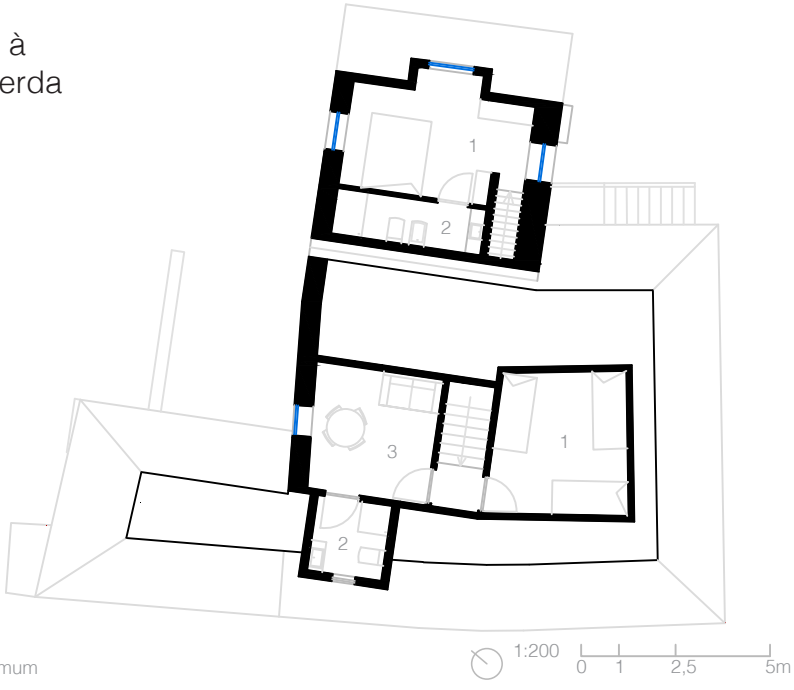
Para a transformação da casa em equipamento turístico foi necessário fazer uma leitura dos espaços existentes e repensar o seu desenho. No pedido do programa foi expressa a vontade de haver diferentes modelos de hospedagem, como tal e de forma a adaptar e apelar a diferentes tipos de clientes, projetaram-se dois modelos de habitação temporária aos quais apelido de células de habitação. São eles um modelo suíte, com quarto e casa de banho, que está presente no piso 1 e no piso 2, por cima da recepção, e um modelo de quarto partilhado, tipicamente associado ao modelo de negócio de hostel que se localiza no piso 2, contendo um quarto, sala privada e casa de banho.
No caso da suíte do piso 1, foi aproveitado o espaço ocupado por 3 pequenos quartos pré-existentes. A dimensão reduzida dos antigos quartos, assim como a necessidade de criar uma casa de banho no local, tornou indispensável a demolição das paredes para o redesenho apropriado da célula resultando numa solução simples onde se promove a criação de um momento neutro na zona de entrada que também faz a ligação entre quarto e casa de banho. Na suíte do piso 2, a parede existente é demolida dando assim espaço para um único



45. Esquisso de projeto. Quarto suíte piso 1



quarto de dimensões confortáveis. A casa de banho foi instalada de forma a aproveitar o pé direito existente por trás da única parede sem janelas da célula, não interferindo no desenho do espaço e resolvendo o problema com um desenho minimalista que acompanha toda a parede.
A célula de habitação referente ao modelo hostel não sofreu grandes alterações, sendo que a única existente é a alteração de programa do quarto da direita para sala de convívio. Com esta alteração há um aumento exponencial da dinâmica da célula, assim como resolve, sem entraves e de forma confortável, a questão do acesso à casa de banho. O quarto, à esquerda das escadas, é um quadrado simples em planta que volumetricamente, ganha outra complexidade devido ao desenho do telhado. Trata-se de um aproveitamento que devido à sua condição espacial, vem validar a necessidade da sala de convívio, de um espaço de estar que promova uma atmosfera confortável para os hóspedes. Esta separação de momentos faz com que o conforto no horas de descanso sofra o menor número interrupções possível, estando a sala disponível para a partilha e o contacto social tão típico dos hostels.

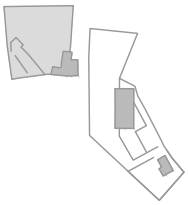


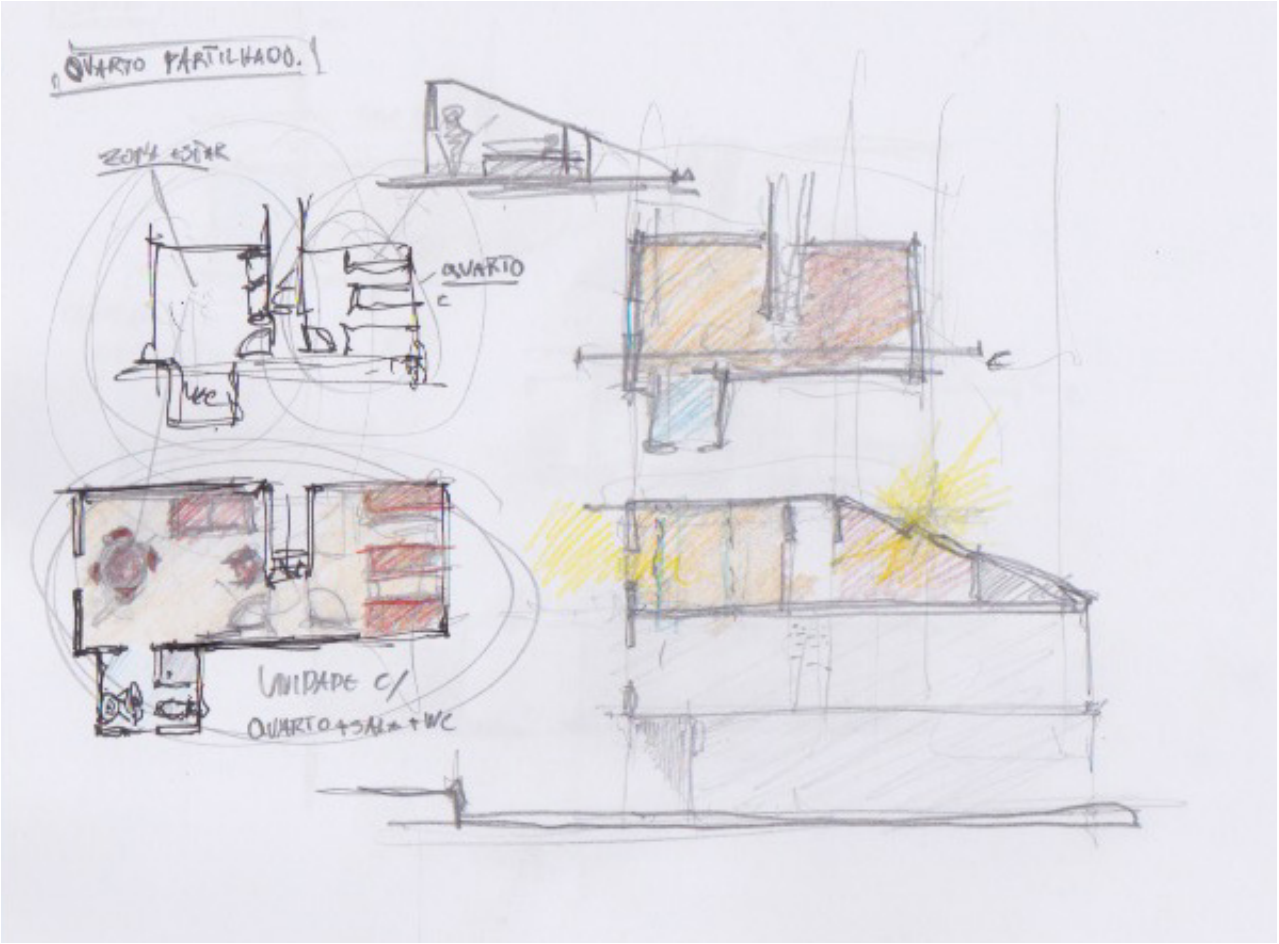
Legenda: 1- Quarto 2-Casa de banho 3-Sala comum

46. Casa grande. Planta piso 2



47. Esquisso de projeto. Quarto suíte piso 2





48. Esquissos de projeto. Quarto partilhado

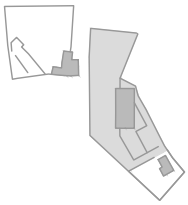
VINHA E ADEGA, *Descrevo o que vejo.*





Se há coisa que a memória não me nega são as sensações da vindima, o cortar da uva, a mão suja, a uva na mão, a uva na nuca.…. Ainda agora desci o curto caminho até à vinha e o corpo invadiu-se de sensação agridoce. Se por um lado a memória canta estes casos, a visão mostra-me o desacaso que por aqui se passa. As ervas, mais altas do que deviam, tomam conta das minhas pernas, os olhos atravessam as fiadas de vinha e vejo que a vida aqui, neste momento, está realmente entregue a si própria, sem o suposto tratamento que a sua organização antecipa. A vinha, esse marco de civilização, descansa, cresce a seu tempo, e segura a terra para o temporário e leve frenesim que aqui se passa em Novembro, com uns 15 pares de botas a calcar o terreno e colher as uvas das fiadas. São cerca de 7 fiadas, com uns 60 metros de comprimento, algumas árvores de fruto e erva… muita erva alta. Não haverá muito a fazer aqui, talvez uma maior rentabilização do espaço, pensar circulações que se mostrem importantes para o programa proposto, e pouco mais… É terreno que não se deve alterar, a não ser que seja inevitável por necessidade.
Por cima, mais ou menos na cota da casa e a completar o triângulo entre as diferentes realidades do terreno, está uma porção de terreno que, pelo que me lembro sempre esteve baldio, talvez por excesso de tamanho para as capacidades do meu avô, ou então falta de tempo de gestão do espaço. Uma vez, já nos últimos anos de lucidez do meu avó, numa queimada atribulada, ardeu tudo neste bocado. Por sorte não espalhou para o resto do terreno. Uma queimada mal pensada ia ditar o fim da história

49. Vindima; autor desconhecido
50. Caminho entre vinha e casa de cima



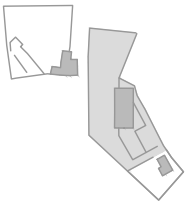
deste lugar. Sorte a minha que assim não foi e permitiu-me voltar aqui, sentir pelo meu corpo, agora mais velho, algo que os meus familiares sentiram aqui, assim como dar-me esta oportunidade realizar este exercício que marca o final de um percurso e nele, imaginar este lugar no futuro, pensado à dimensão do mesmo, com tudo o que deve e tem direito.
Este bocado de terreno, parece-me o local ideal para implantar uma nova adega.
A antiga adega, no piso térreo casa de Baixo, já não apresenta as condições que o exercício da atividade nos dias de hoje exige, e sendo que a ideia do projeto é criar um complexo enoturístico, com instalações auto suficientes, parece vital promover as melhores condições para a prática da produção do vinho. As características do terreno, com uma diferença de cotas de cerca de 3 ou 4 metros possibilitam criar um equipamento enterrado ou semi-enterrado, o que serve automaticamente de isolamento térmico para as áreas de armazenamento. A criação de zonas de lazer para a apreciação do vinho também é um tema a ter em conta, e aí a casa de Baixo não me parece apresentar a área nem suficiente, nem satisfatória neste sentido. O que justifica mais a criação de um novo volume neste espaço e consequentemente criar uma ponte de atividades, que reforça a ligação entre os dois polos. O corte físico apresentado pela estrada, será de certa forma encurtado com este factor de migração para a realização de atividades como provas de vinho, palestras ou jantares.



51. Caminho entre casa de cima e vinha



52. Vinha



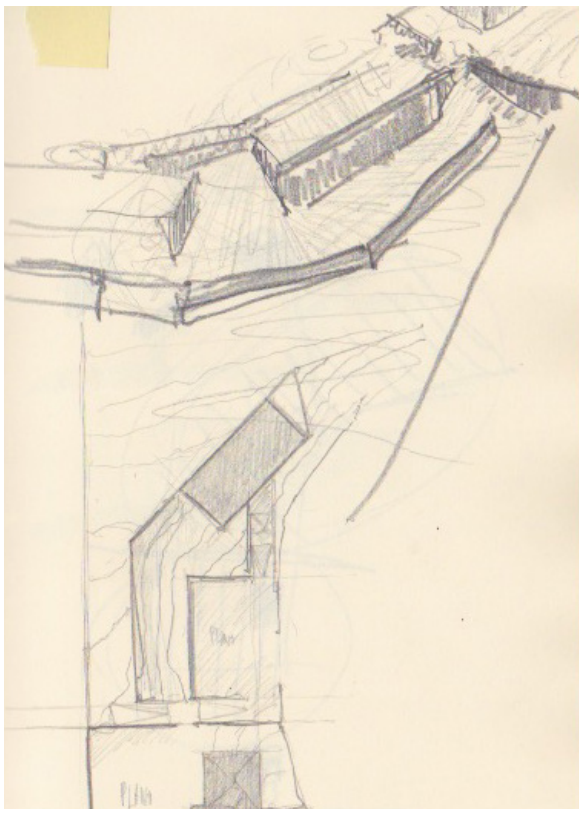


53. Vinha

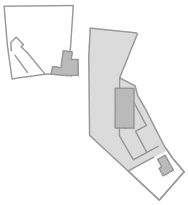
ADEGA E QUINTA, *Desenho o que imagino.*
Arquitetura de raíz, com raíz no conceito.

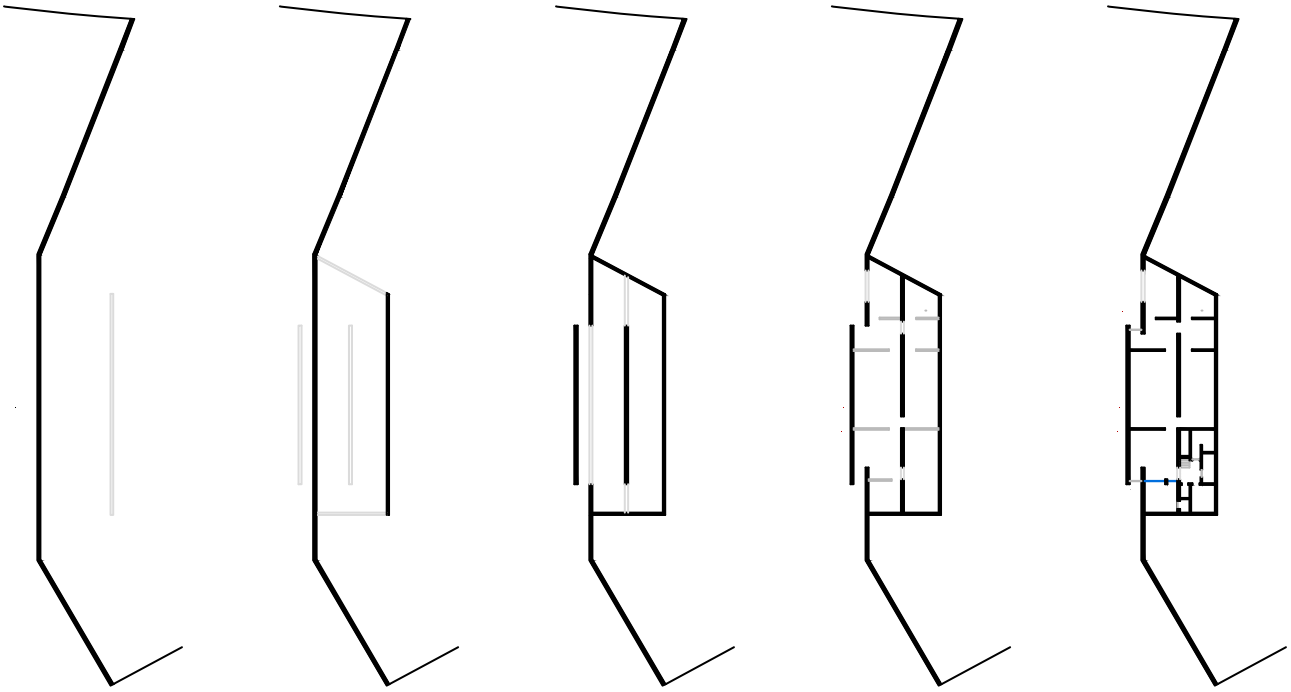
PROPÓSITO DE DESENHO

No caso concreto da adega, que é uma construção erguida de raiz, havia uma necessidade de agarrar o volume ao terreno. Algo que justificasse o seu volume, as suas questões formais e conceptuais. Um elemento que impedisse que esta obra contemporânea estivesse desligada de toda a realidade envolvente. De forma natural, o muro, que até então me servia para acertar aspetos da organização global do projeto, passa a delinear a matriz o novo volume que se ergue. O muro expande e difunde-se com construído, apresenta-se como uma possibilidade de sistema construtivo e, consequentemente um propósito de desenho.
É feito um prolongamento e repetição desta linha. Muro desaparece por trás de muro, desenha uma entrada que abre portas para o interior da construção que se ergue suportada por si. Apenas denunciado pelo inevitável segundo piso, adivinha-se uma construção habitável com atmosferas distintas nos pisos. Um ponto exceção no terreno que vive abraçado ao mesmo e que tenta fazer de si uma continuação equilibrada dos elementos a que se agarra, sejam eles construídos ou naturais.
No seu interior, os espaços são feitos a partir da repetição paralela desta linha em grossos muros que suportam a construção e, conjugados com paredes perpendiculares de aspeto mais leve e secundário, vão delimitando as várias áreas que compõem o programa da adega.



54. Esquisso de projeto. Muros e novos volumes.







55. Evolução do desenho. Do conceito à planta final.

Alberto Campo Baeza

Essentiality: "More with Less"

アルベルト・カンポ・バエザ
彫心鏤骨の建築：より少ないものでより豊かなものを

Photographer:
Hisao Suzuki
Colette Jauze
Pedro M. Albornoz
翻訳：
北野恭弘

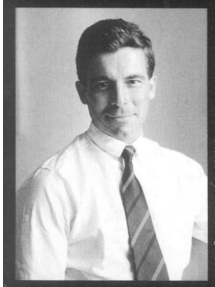


Photo by Colette Jauze

Alberto Campo Baeza: Born in Valladolid, Spain, in 1946. Graduated ETSAM Madrid (1976). Professor at ETSAM Madrid (1988). Lecturer, professor at universities and institutes, such as ETH (Zurich, 1989–1990), SCI-ARC (USA, 1990), Ecole d'Architecture (Strasbourg, 1992).

アルベルト・カンポ・バエザ：1946年スペイン、ヴァラドリード生まれ。ETSAM（マドリッド建築工科大学）卒業（1971）。同学の助教授（1976）、教授（1984）をはじめ、スイス連邦工科大学（1989〜1990）、SCI-ARC（南カリフォルニア建築大学、1990）の講師を務める。

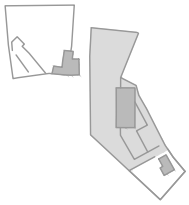
MANIFESTO
I propose an ESSENTIAL Architecture of IDEA, LIGHT and SPACE. Of a built IDEA, materialized in ESSENTIAL SPACES animated by the LIGHT.
An Architecture which has the IDEA as an origin, the LIGHT as a basic material, and in the ESSENTIAL SPACE the will to get MORE WITH LESS.
An IDEA being called to be built, an ESSENTIAL SPACE with the capacity to translate efficiently these ideas, and the LIGHT which puts man into relation with those SPACES.

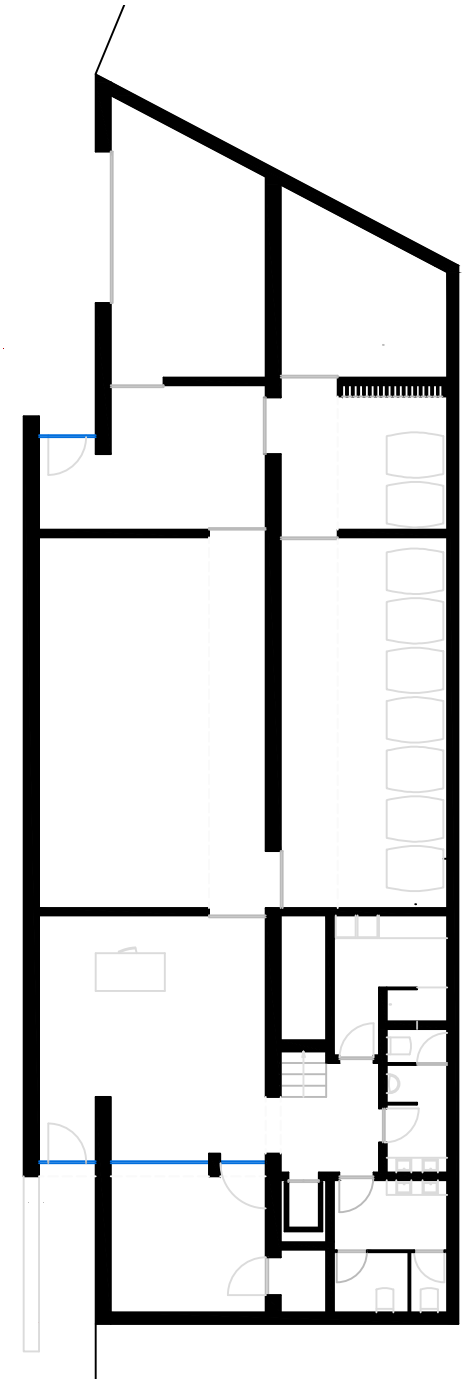
IDEA
The IDEAS which give origin to the Architecture are complex concepts. Complexity in Architecture is properly of the IDEA. An IDEA capable of synthesizing the very specific factors which come together in the architectural fact: CONTEXT, FUNCTION, COMPOSITION and CONSTRUCTION.
The CONTEXT bears relation to the Place, to the Geography, to the History. To the "where". The UBI.
The FUNCTION is always in the origin of Architecture with its "for what".
The COMPOSITION organizes the SPACE with its "geometric how". With the Dimension and the Proportion. With Scale.
The CONSTRUCTION builds the SPACE with its "physical how". With the Frame, the Materials and the Technology. Driving the Gravity. With Material.
The IDEA will be more correct when better answers are given to these questions: where, for what, and how?

LIGHT
LIGHT is an essential component of all possible understanding of the quality of SPACE. Isn't the history of architecture a history of different understandings of LIGHT?, of searching for LIGHT? Adriano, Bernini, Le Corbusier! Isn't LIGHT the only way to transform the unbearable gravity of the material into lightness?. LIGHT is the basic material of Architecture. With the mysterious but real, magical capacity of putting SPACE in tension for man. The capacity of producing INTENSITY of SPACE, which makes it efficient for man. With the capacity of giving QUALITY to this SPACE and inspiring emotions.

SPACE
SPACE, shaped by the form, which precisely translates the IDEA and which is given tension by the LIGHT, is the material, palpable, tangible result of the Architecture.
The use of elementary forms, intentions to get, in the most direct way, the SPACE is what I call ESSENTIAL. And after being given tension by the LIGHT, it is capable of being understood by man. It is not so much the elemental aspect of the forms, as the ESSENTIALITY of those SPACES. It is the translation of IDEAS with the most conceptual richness through only the precise number of elements that will make possible its better understanding. Something much more profound and more positive than a mere minimalism.
It is just like the way that Poetry uses words. Looking for the poetic haloe in these SPACES for man. Trying to find the BEAUTY, the intelligent Beauty.
An Inclusive Architecture in the conceptual order and Exclusive in the formal order. An Architecture which is a BUILT, IDEA, which is materialized in an ESSENTIAL SPACE, which is brought to life by LIGHT, and capable of stiring up in men the suspension of time: of EMOTION. MORE WITH LESS!

56. "Essentiality: More with Less"; Alberto Campo Baeza





Legenda: 1- Entrada 2-Adega 3-Armazém 4-Garagem 5-Hall 6-Arrumo
7- Casa de banho 8-Balneário 9-Elevador

1:200 0 1 2,5 5m

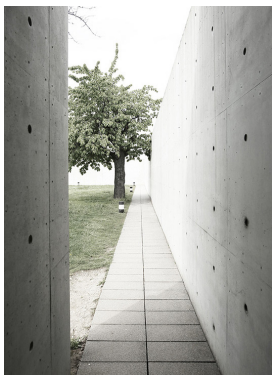
57. Adega. Planta piso 0

ENTRADAS

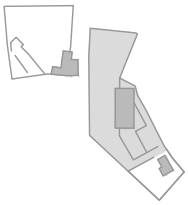
As entradas na adega são todas realizadas em associação com os muros. No caso do piso térreo há uma desconstrução do mesmo, repetem-se planos paralelos que trabalham em uníssono, desenhando um desacerto que permite a entrada para o interior do edifício. Aqui, o dispositivo que faz a transição entre interior e exterior, tem como objetivo disfarçar a presença de uma entrada e consequentemente retirar a carga presencial da construção. De certa forma, criar uma transição amena, com o foco direcionado mais para a experiência do lugar e os seus momentos de percurso. Um dispositivo que retire carga à imagem que a construção aparentemente promove. Neste lugar, em contacto direto com a vinha, interessa-me que seja o vegetal e a descoberta da realidade que sobressaiam, sejam as sensações do vinho que tenham o destaque e não uma arquitetura exuberante da adega. Já no acesso de cima, devido à condição topográfica onde se insere, o gesto é realizado de forma distinta. Aqui, o muro que liga a zona de estacionamento e esta segunda entrada serve como um condicionador da visão. Nesta situação, o muro já não serve apenas para conter o terreno, mas sim para criar um momento de tensão espacial. Ele existe por via da necessidade arquitetónica. É intenção levar o utilizador a um enclausuramento escalado durante o percurso para que no destino aconteça a sensação de contraste visual e espacial pretendida. No fundo, promover uma dinâmica no contacto entre ambientes.

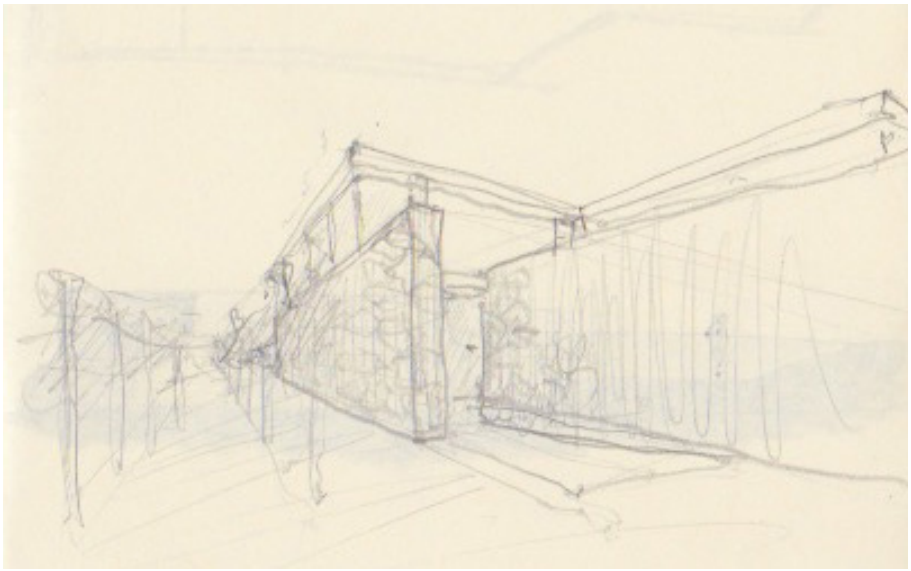


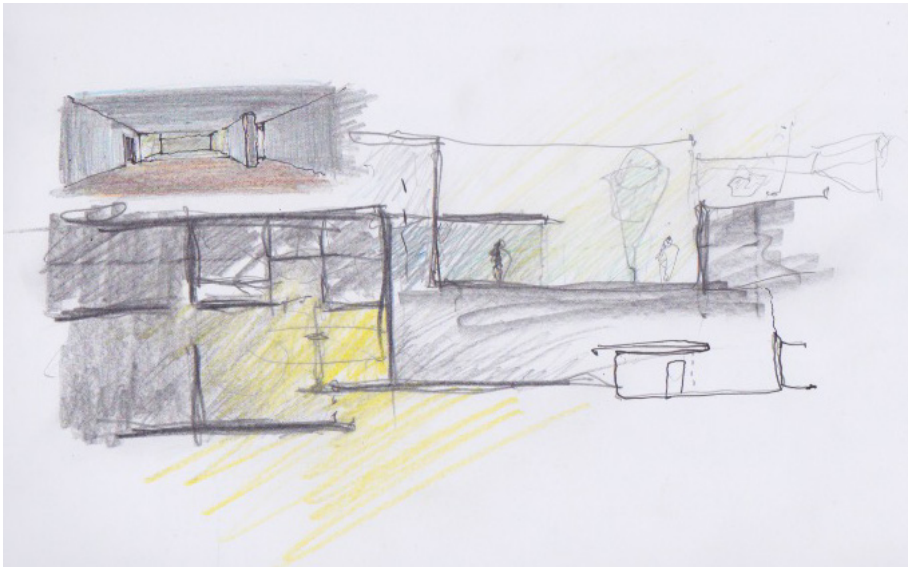




58. Vista aérea Centro de Conferências Vitra; 1993; Tadao Ando
59. Entrada Centro de Conferências Vitra; 1993; Tadao Ando



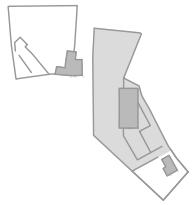


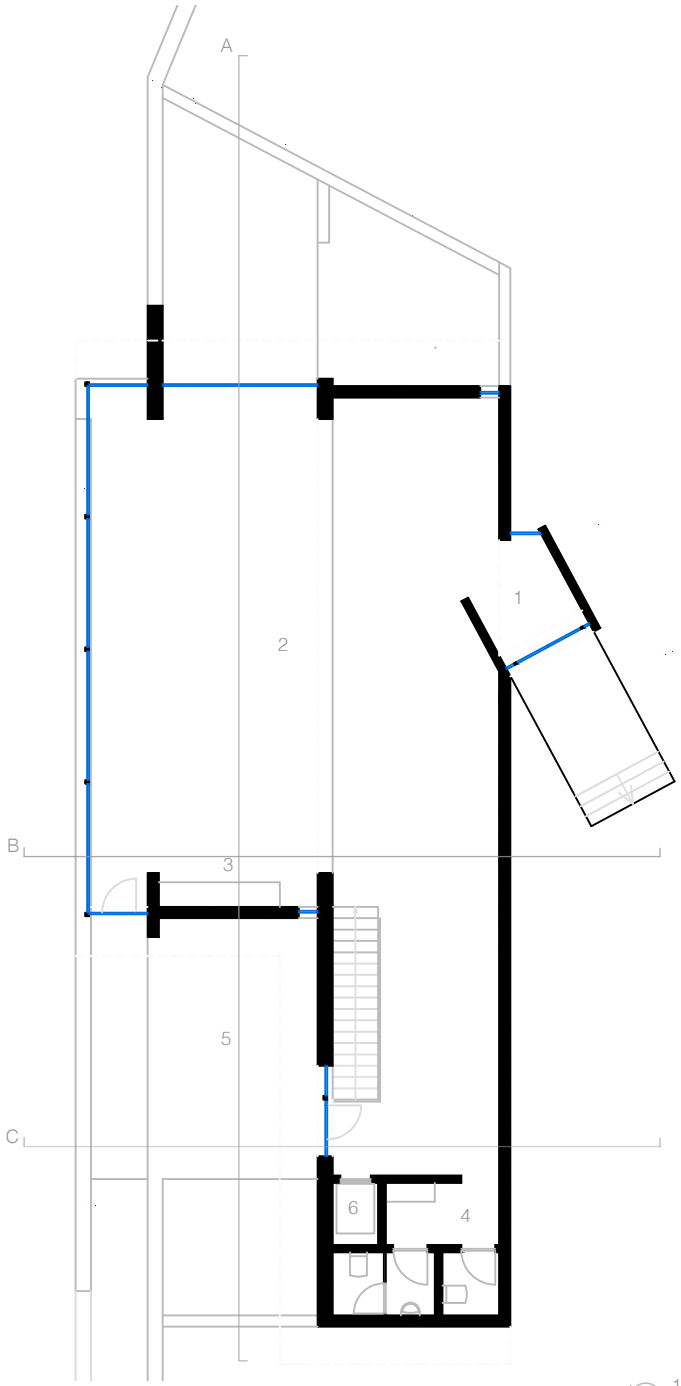


60. Esquisso da entrada de baixo da adega.
61. Esquisso de projeto Momento de entrada e relações.



62. Esquisso de projeto. Entrada de cima





Legenda: 1- Entrada 2-Sala polivalente 3-Kitchnet 4-Casa de Banho
5-Esplanada 6-Elevador

1:200
0 1 2,5 5m

63. Adega. Planta Piso 1

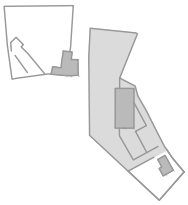
NUANCES

No interior da caixa que é a construção, perde-se a leitura que o volume exterior enuncia. A definição rígida da caixa, com paredes iguais que não contenham no seu desenho uma hierarquia, impede a leitura de uma ideia de projeto, um sentido. O interior vive fechado em si e não se mostra uma continuidade da realidade exterior. Para contornar esta situação, olhei para as obras de Tadao Ando, em especial as memórias que tenho da visita ao Centro de Conferências nas instalações da VITRA. A forma como o muro exterior invade o interior, agarra e forma a obra num terreno plano sem referências aparentes agradou-me especialmente. Esta leitura do plano contínuo que forma vários elementos distintos e os hierarquiza a partir de pequenas ruturas nos pontos de contacto, promove a hierarquia do espaço e dos elementos, uma hierarquia que o conceito precisa, seja ela num espaço interior ou exterior. A necessidade de aberturas para o exterior ou para outros espaços internos, é o pretexto para a colocação de janelas, portas ou planos que quebrem a linha e reforcem as hierarquias que a ideia defende. Desta forma, no projeto da adega, as ruturas nos planos tendem a aparecer nas paredes perpendiculares às paredes mestras. Os seus rasgos são completos, marcando de forma assertiva o seu início e fim. Por contraste, a parede mestra nunca sofre uma rutura

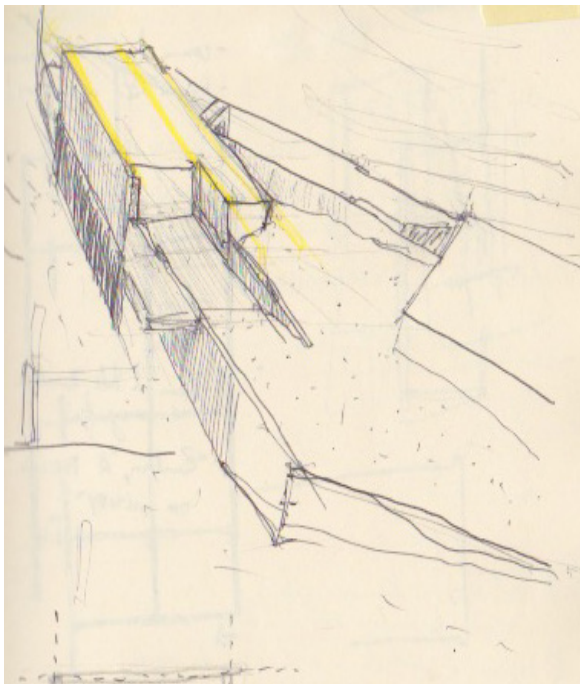


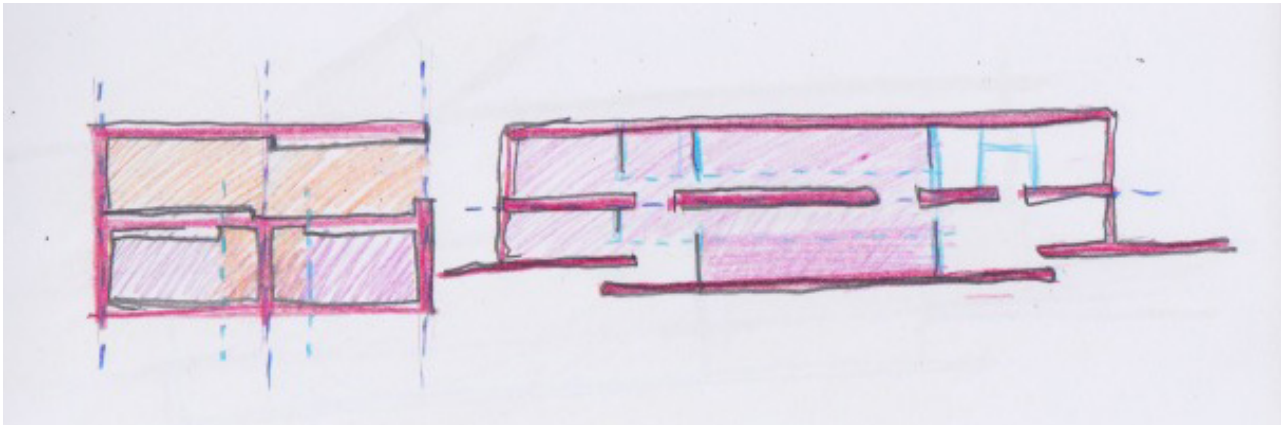


64. Fundación casa wabi; 2014; Arq. Tadao Ando; fotografia Studio Zabé
65. Vista exterior do centro de conferências Vitra; 1993; Tadao Ando; fotografia de Xavier de Jauréguiberry

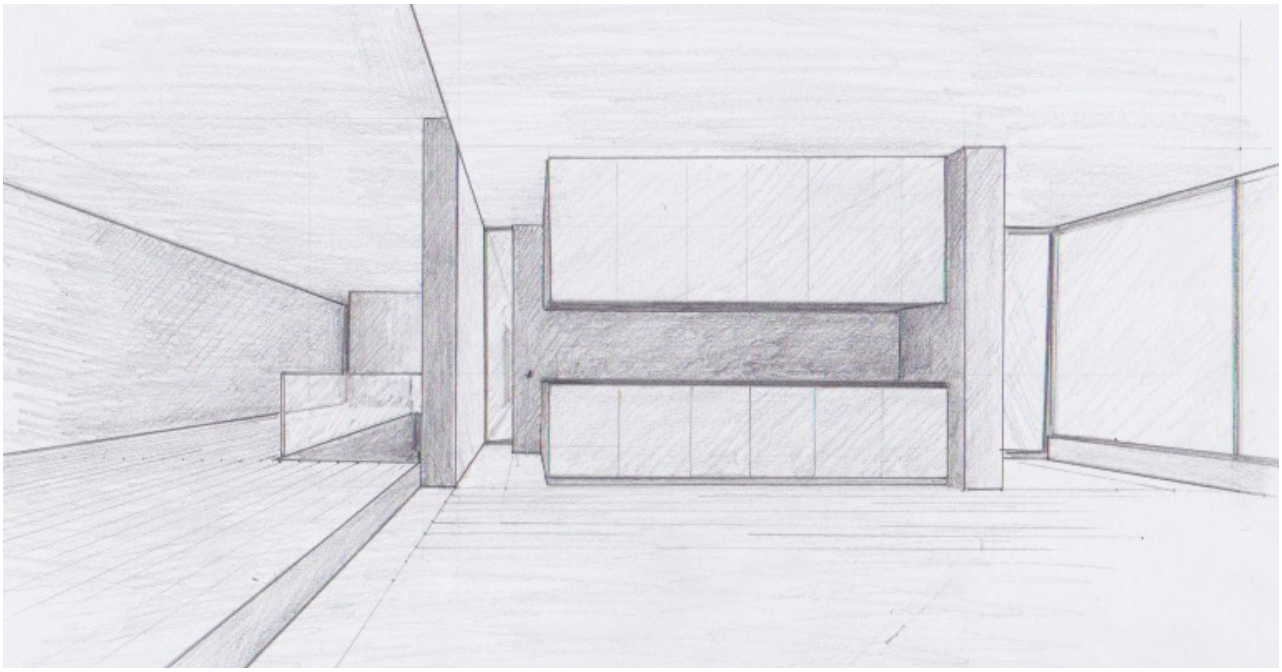


total. Quando escavada, não perde a sua leitura contínua, não chegando o vão da abertura a tocar o teto. Conscientemente, promovo uma direção de projeto que se encontra presente a partir de nuances no desenho. Gestos que para o leigo aparentam ser gosto, na verdade são gestos que servem e se desenvolvem a partir do conceito que lançou o projeto.
No piso de cima, estas nuances, aparecem nos desacertos criados nos planos horizontais. Com esta quebra, alinhada com a parede central do piso de baixo, cria-se uma dinâmica no espaço que transforma e enriquece a vivência na sala.

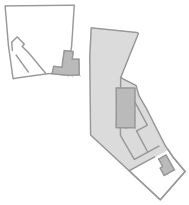


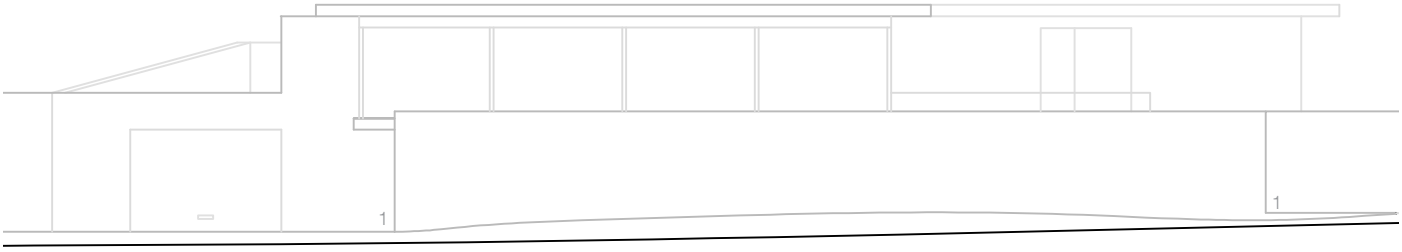


66. Esquisso de projeto. Relação entre muros e adega
67. Esquissos de concepção do espaço

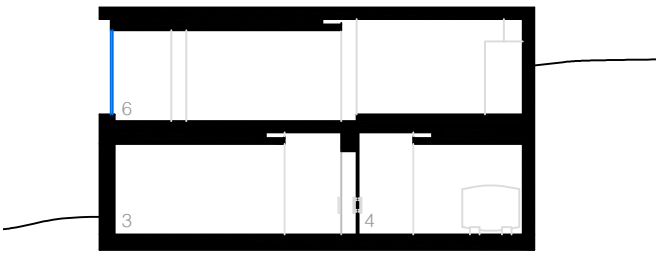


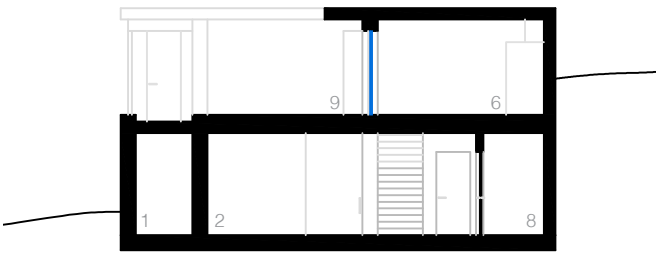
68. Vista interior da sala polivalente.











Legenda: 1- Entrada 2-Hall 3-Adega 4-Armazém 5-Garagem 6-Sala polivalente 7-Kitchnet 8-Casa de banho 9-Esplanada

1:200 0 1 2,5 5m

69. Alçado
70. Corte A
71. Corte B
72. Corte C

ADEGA E VINHA, *Desenho o que imagino.*
Espacialidades e Contactos.

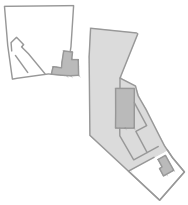
AMBIENTES

Os ambientes de uma construção são o resultado da Arquitetura nele aplicada. Estes são influenciados pela necessidade de cada programa e devem ser colocados onde estas sensações se promovam de forma natural. No caso dos espaços de produção da adega, é típico o enterramento seguindo as necessidades de isolamento térmico, com o fim de controlar as temperaturas. Como tal, assim acontece no piso de baixo, por trás do muro e absorvidas pelo monte. Aqui o ambiente é carregado com a sensação de enclasuramento. Serão o material, as nuances no desenho e o mobiliário que darão as características extra que uma instalação turística exige. O caso exceção deste piso acontece no hall de baixo onde há uma amenização da tensão criada no momento de entrada. Dobrada a parede, surge um pátio que espelha as dimensões da sala de recepção que equilibra e prepara o visitante para a clausura que lhe procede. Visto ser um piso "pesado", pareceu necessário equilibrar esta tensão e permitir ao utilizador um espaço onde haja esta contraditória abertura numa construção escavada. No piso de cima, o ambiente muda drasticamente. Em ambas as entradas para este piso, seja pelo exterior ou pelas escadas, há uma contração do espaço e do campo visual e, assim que chegado ao destino, uma abertura total onde apenas estrutura, tetos e degraus desenham as leves separações da grande sala polivalente. Aqui, as paredes mestras apenas se enunciam levemente, descontinuando-se e ganhando forma nas nuances do



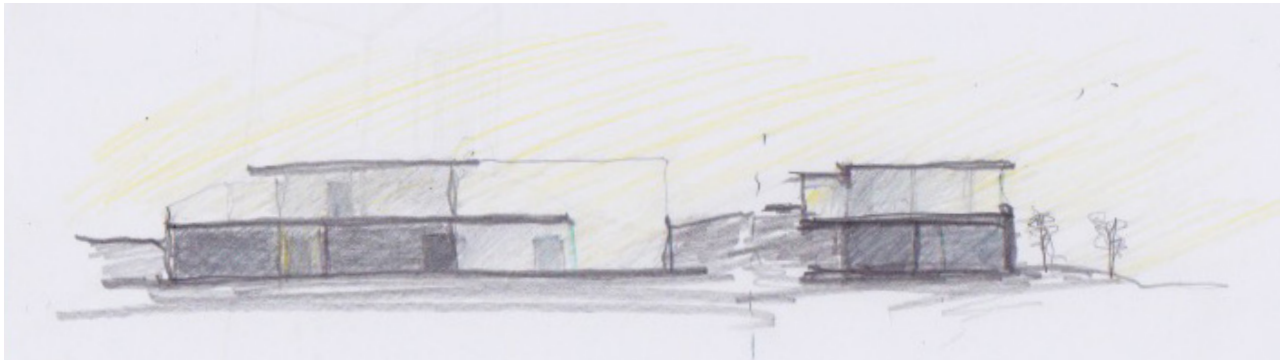


73. Muro de pedra
74. Muro de betão



desenho. O espaço, amplo e virado para a paisagem, absorve toda a energia envolvente expandido-se até ao limite da visão. Nesta sala, devido ao caráter polivalente, exitirão vários momentos. Quando sujeito às alterações temporárias, o espaço irá transformar-se, aproveitando o seu desenho geral para se voltar a redefinir e caracterizar-se para um novo propósito.
Na adega, os pisos contrastam nas suas atmosferas. As necessidades do programa e conceito formularam as características de cada um, sendo que o ambiente foi um fator que se demonstrou determinante para o aspeto formal da construção. Neste caso, a arquitetura aplicada desenvolveu-se a partir das sensações pretendidas e necessárias para o funcionamento e sucesso vinícola e turístico da adega.





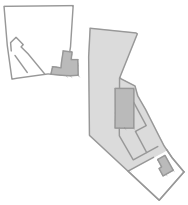
75. “Casa em Moledo”; 1998; Arq. Eduardo Souto de Moura; fotografia por Fernando Guerra
76. Esquissos de projeto. Cortes

PERCURSO

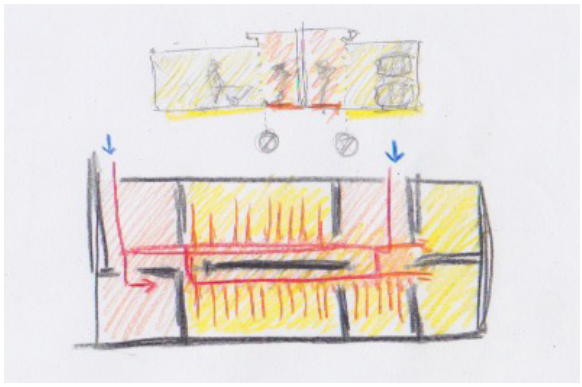
O percurso é uma das ferramentas que temos para compreender a arquitetura. Há medida que caminhamos e alteramos o nosso ponto de vista vamos alcançando novos enquadramentos que nos dão a imagem global do(s) objeto(s). É dada a sugestão de um caminho, este que pode ser marcado com mais ou menos liberdade. Em cada situação há circunstâncias diferentes e específicas, como tal, estes gestos de percurso vão variando na sua forma, ainda que interligados.
Nos espaços exteriores o caminho é aparentemente livre, marcado por simples guias denunciadas no terreno. A sua força é a de algo que encaminha mas permite a exploração do que existe entre a partida e a chegada. Queremos que o utilizador absorva as sensações da terra, essas que só acontecem na sua totalidade quando é possível a exploração por via de todos os sentidos. Esta opção está agarrada à permeabilidade dos elementos em que se insere e à forma como se pretende que eles sejam vividos livremente.
No interior, o percurso tem outras necessidades. Mais contidos, os percursos são definidas por uma necessidade de hierarquização das atividades com que contactam. Na sala polivalente, devido à sua dimensão e características programáticas, mimica-se o gesto realizado no exterior mas de forma mais livre. Apenas as nuances encaminham, não prendendo os movimentos, alargando-os até aos limites físicos. Devido às características polivalentes do espaço, os percursos praticados estarão diretamente relacionados com a mobília lá aplicada e a forma como ela organiza o espaço.
Na adega, a mistura de atividades vinícola e turística exigiu uma sensibilidade distinta. Foi necessário criar uma lógica de percurso que satisfizesse as necessidades dos dois programas. Para isso, optou-se por uma lógica de percurso circular num caminho

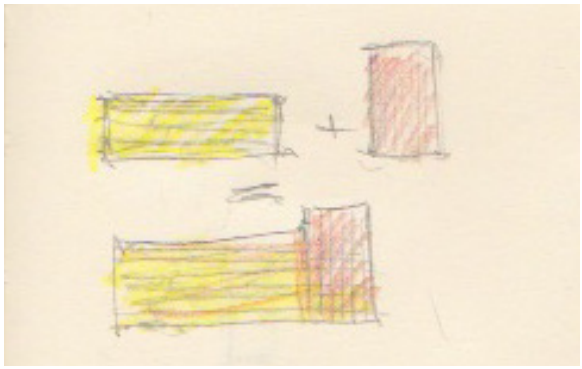


77. Fundación casa wabi; 2014; Arq. Tadao Ando; fotografia Studio Zabé

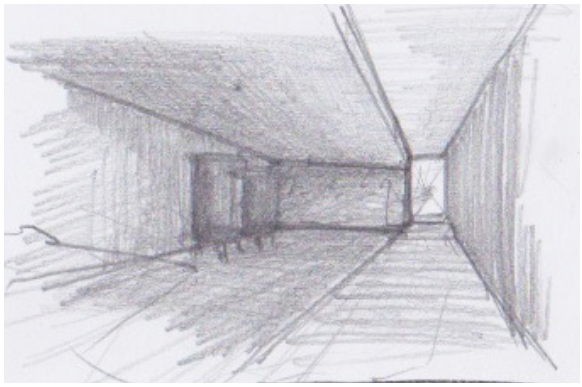


que é partilhado por funcionários e visitantes. Para separar zona de visita e zona de trabalho, mais uma vez, são as nuances de desenho que fazem a divisão a área comum e a área de trabalho reservada a trabalhadores. Desta forma, organiza-se o espaço criando uma espécie de corredor que é também sala de observação. Esta separação invisível não cria uma separação sensorial entre vinho e visitante e permite a imersão total na atmosfera ali existente. O percurso é pensado de forma a cumprir o propósito da ação de visita respeitando sempre e não comprometendo a eficácia da adega no que diz respeito à produção.O percurso serve os espaços em que se insere absorvendo o seu ambiente sem nunca se sobrepor a ele.







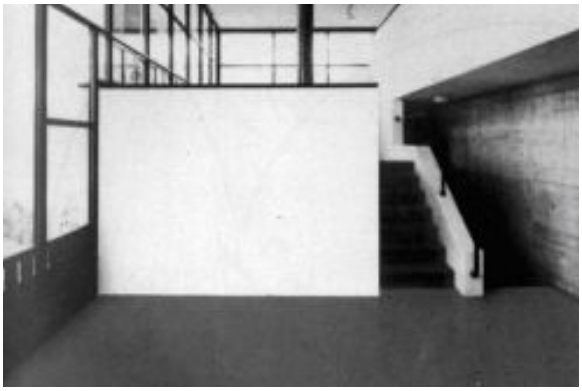


78. House for a horse breeder; 2017; Diego Baraona Arquitectos asosiados;
79. Esquema de percurso interno da adega
80. Estudo de relação entre adega/armazém com zona de corredor
81. Esquisso adega

POLIVALÊNCIA

No pedido ao Arquiteto ficou expressa uma vontade de tornar as instalações da quinta em algo dinâmico, capaz de agregar várias atividades e estimular a exploração dos espaços com o propósito da rentabilidade. Como tal, no que inicalmente seria apenas uma sala de provas, optou-se por ter uma abordagem com uma visão mais ampla das possibilidades. Após a definição da mancha global da área, projetaram-se possibilidades para a transformação temporária do espaço. A partir das nuances do desenho e com a ajuda de painéis amovíveis, definiram-se espaços mais contidos capazes de existirem em sintonia com a nova atividade que lá aconteça. Devido a este fracionamento é possível transformar a sala em vários espaços distintos ou até mesmo um só, mas que crie novas zonas técnicas, necessárias para a nova funçao (cozinha, bengaleiro, backstage). Esta capacidade híbrida do espaço permite o acontecimento de eventos esporádicos que potenciam novas atividades assim como as tenta fazer acontecer da melhor maneira possível. A Sala Polivalente, tal como acontece nas casas domésticas, tem a capacidade de se mutar por via da mobília para agradar ao utilizador e à vivência pretendida por aquela atividade.

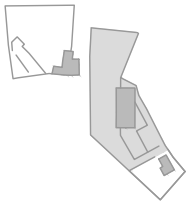
Esta característica híbrida do espaço está também presente no percurso interno da adega, sendo que o corredor e o espaço a que dá acesso coexistem partilhando atividades sem as interromper.

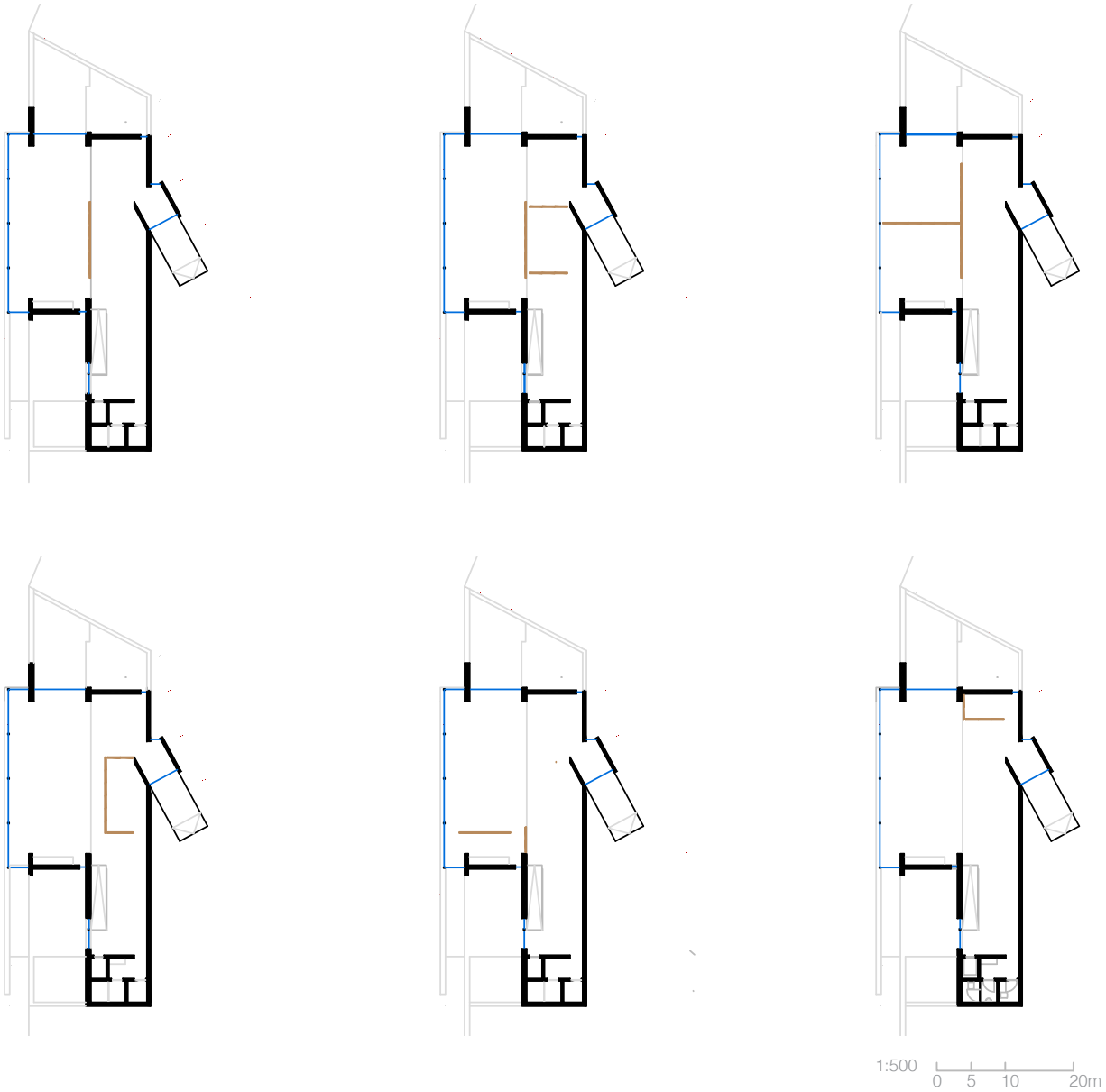




82. Casa Bianchetti de Luigi Snozzi; extraído de MONTEYS, Xavier e FUERTE, Perez; “Casa Collage, Un Ensayo Sobre la Arquitectura de la Casa”; Barcelona, Editorial Gustavo Gili; 2003; p. 16

83. Fotomontagem realizada no primeiro curso de sociologia do professor Jean-Pierre Junker (ETH, Zurique,1990) sobre a casa Bianchetti de Luigi Snozzi; extraído de MONTEYS, Xavier e FUERTE, Perez; “Casa Collage, Un Ensayo Sobre la Arquitectura de la Casa”; Barcelona, Editorial Gustavo Gili; 2003; p. 16





84. Possibilidades sala polivalente

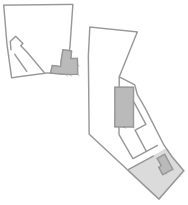
CASA DE CIMA, *Descrevo o que vejo.*







85. Entrada para a sala. Autor desconhecido
86. Pátio de entrada da cozinha
87. A casa vista da futura zona de adega



Entro por cima, que é por onde me lembro de entrar quase sempre que cá venho. A estrada de acesso está à cota do telhado, para quem não conhece, nada é deslumbrado a não ser as telhas. Desço pela rampa e chego logo ao coração desta porção de terreno. Esta, que prevejo ser um espaço mais íntimo, possivelmente com um pequeno T0 ou T1 no aproveitamento da casa e com o luxo de ter o seu próprio jardim. Logo aqui na primeira esquina havia um tanque circular em betão, falo já dele porque era uma das delícias das minhas tardes de criança e como ficava logo à entrada, o contacto com a água era um dos primeiros que tinha quando aqui chegava. Esta casa, que de casa pouco tem para quem está habituado à qualidade de vida dos dias hoje, é bastante pequena. Mas sempre mostrou estar à altura das necessidades, tendo sido o sítio onde passei a maior parte do tempo que cá estive. É bem velha, com paredes grossas de pedra e argamassadas nas juntas. Foi mandada erguer por um (tio)padre, para quando viesse cá passar uns dias como era regular, tivesse onde ficar. A cozinha foi erguida a tijolo, talvez por ter aparecido mais tarde ou por via da necessidade da altura, não consegui descobrir. À volta da casa está tudo a monte de momento. O quintal, que se estende em frente à casa, já esteve cravejado de couves, alfaces, tomates e afins, até uma piscina. Agora, já só tem terra, erva daninha e as velhas árvores de fruto, que felizmente insistem em existir. De todas, há 3 que não esqueço e noto como importantes. A figueira, reclinada sobre o antigo local da piscina, com cerca de 70 cm de profundidade e que nunca vi com água - sendo então perfeita para as acrobacias em escalada e as brincadeiras que qualquer miúdo consiga imaginar-, o abacateiro, que atingiu um tamanho bem superior ao que penso ser suposto e fazia a dobra do caminho entre esta casa e a vinha, e um pessegueiro, que se ergueu dum furo no cimento da laje de entrada para a cozinha da casa, que curiosamente tinha a cadeira raramente vaga, visto o conforto que era ali estar sentado.

O interior da casa espelha exatamente o seu exterior, a pedra é pedra, o tijolo está revestido a reboco ou azulejo e o telhado está despido, com a sua estrutura completamente nua. Ao longo dos anos sofreu algumas alterações sendo que as paredes interiores foram demolidas, assim como o teto e ampliou-se a sala, perdendo assim os quartos e servindo da melhor forma as reuniões de família, com espaço de sobra para conforto daquela que era a única atividade- Num volume mais pequeno, que diz respeito à parte erguida em tijolo, está a cozinha e uma pequena casa de banho, num volume que cria a rutura no quadrado rígido da sala. Como se de um "P" invertido se tratasse. As portas foram sendo alteradas, sendo que apenas os caixilhos foram persistindo, estando agora num estado bastante degradado. A existência deles certamente será algo que poderei ter em atenção, usando o seu desenho como uma forma de garantir a continuidade do que é este sítio.

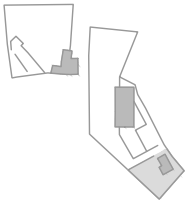








88. Vista do jardim para a casa de cima
89. Sala
90. Vista do caminho para a casa.
91. Jardim







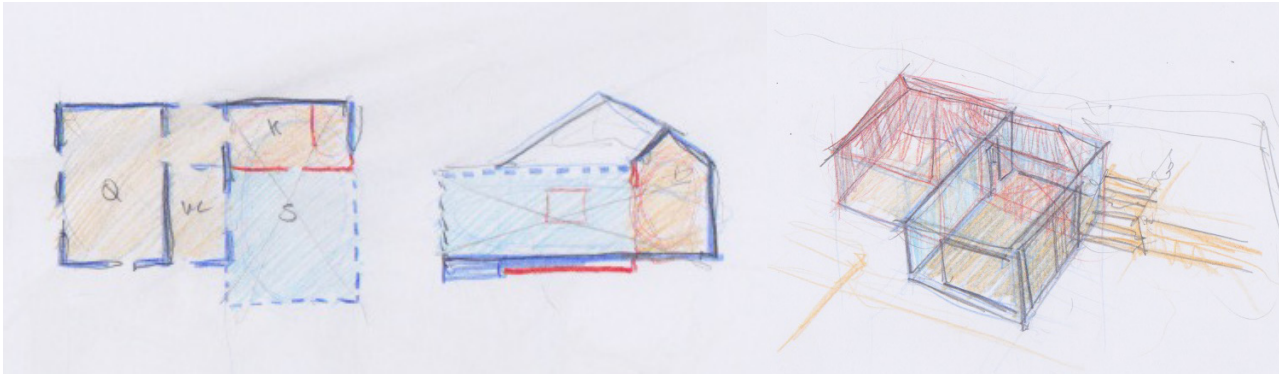
Admito que este não é o sítio mais bonito para quem gosta de "locais-postal", mas aqui eu sinto-me bem, relaxado! Longe do que afronta, e perto do que me acalma, mesmo eu não sabendo bem o que é isso ao certo ou de que forma acontece… de qualquer modo, é inegável que o plano era sentar para escrever um pouco, levantar e escrever outro pouco sobre e noutro sítio, mas agora já nem me apetece sair. A brisa suave por aqui passa neste dia, que nem prima pela temperatura alta, convida-me tanto a sentir isto que já sei que vai ser uma luta para arrancar. É que aqui, até as hortências, que normalmente tanto me aborrecem por considerar "plantas cansadas" estão a agradar-me a vista. Talvez sejam só saudades do que já vivi aqui, que agora foi embora e nem que queira, volta. Mas sem dúvida que o local é agradável e outra pessoa diria o mesmo.
Talvez seja mesmo o lugar que seja agradável e o resto fantasia, mas para testar isso tenho que trazer cá uma malta, de forma a tirar a prova dos nove…

92. Sala casa de cima
93. Caminho e terreno entre a vinha e casa de cima

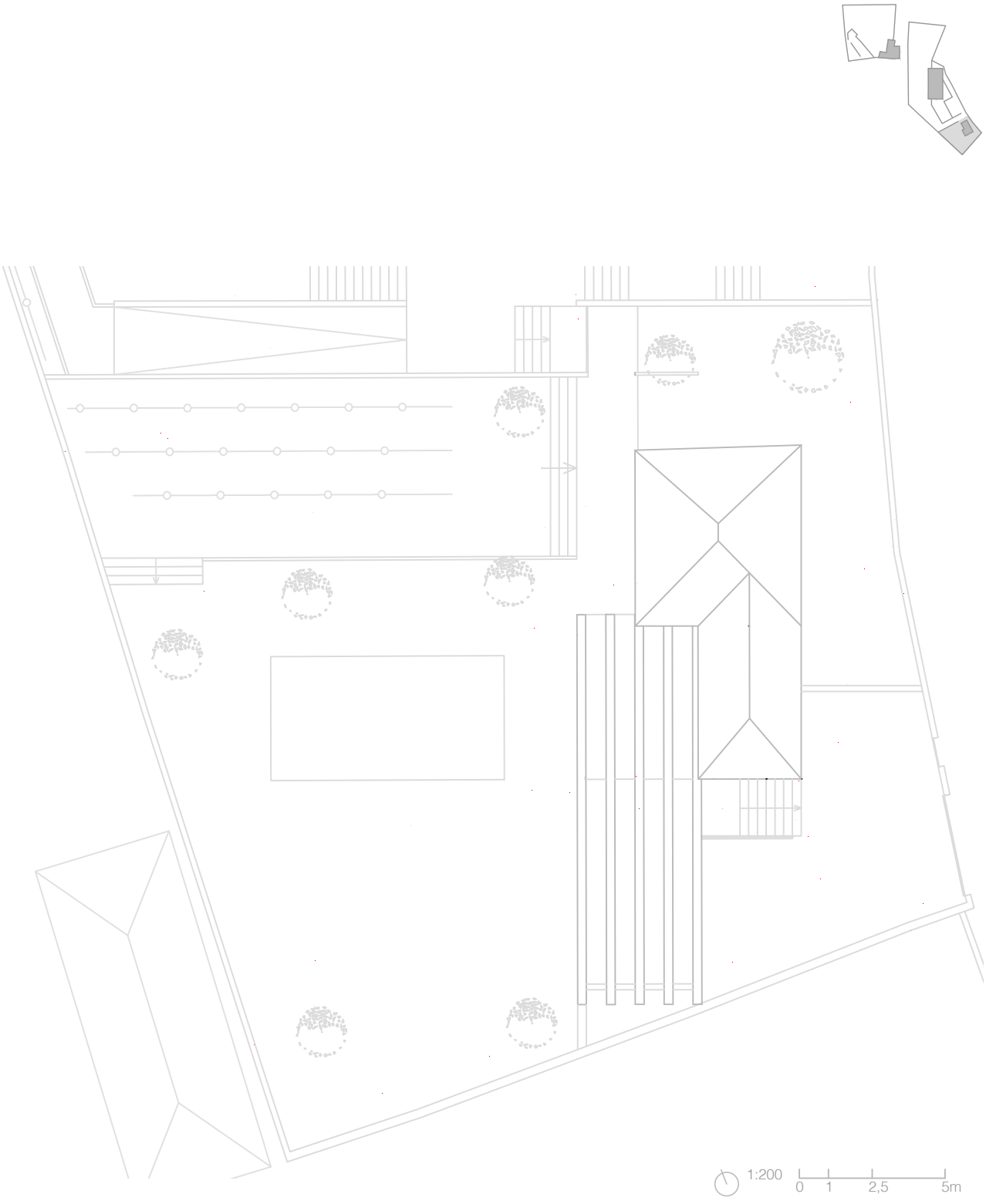
CASA DE CIMA, *Desenho o que imagino.*
Do velho, (re)novo.

ADAPTAÇÃO À NOVA REALIDADE

Na parte mais elevada da Quinta da Aurora foi previsto um aproveitamento da antiga construção existente para adaptação ao turismo. Esta zona, destinada a clientes que procurem uma experiência mais isolada e de certa forma mais luxuosa, pauta-se pela simplicidade da solução e vontade de aproximar o utilizador às atividades da Quinta. Nesta zona as opções de projeto seguiram a linha tomada nas intervenções anteriores, sendo que a reabilitação é feita respeitando os métodos formais e construtivos pré existentes, tal como acontece na casa grande. Os novos elementos são pensados num traço e método construtivo contemporâneo, seguindo a lógica presente na Adega. A ampliação do volume surge da necessidade em criar um espaço de estar onde fosse possível manter o contacto quase total com o exterior, uma sala que se expande e que contrasta com o ambiente mais vernacular e encerrado da zona de dormir. Nessa lógica, os novos limites da sala foram projetados com grandes vãos envidraçados que permitem que haja este contacto forte entre interior e exterior, alargando a sensação espacial interna até ao limite visual do terreno. Este gesto, presente de forma radical na Casa Farnsworth de Mies van der Rohe, é aqui reinterpretado e adaptado à circunstância existente. A existência de elementos vernaculares na composição exige um cuidado redobrado nos pontos contacto, sendo que é nestas zonas que se erguem as novas paredes cegas.



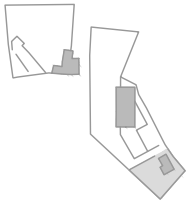
94. Desenho da empliação da casa

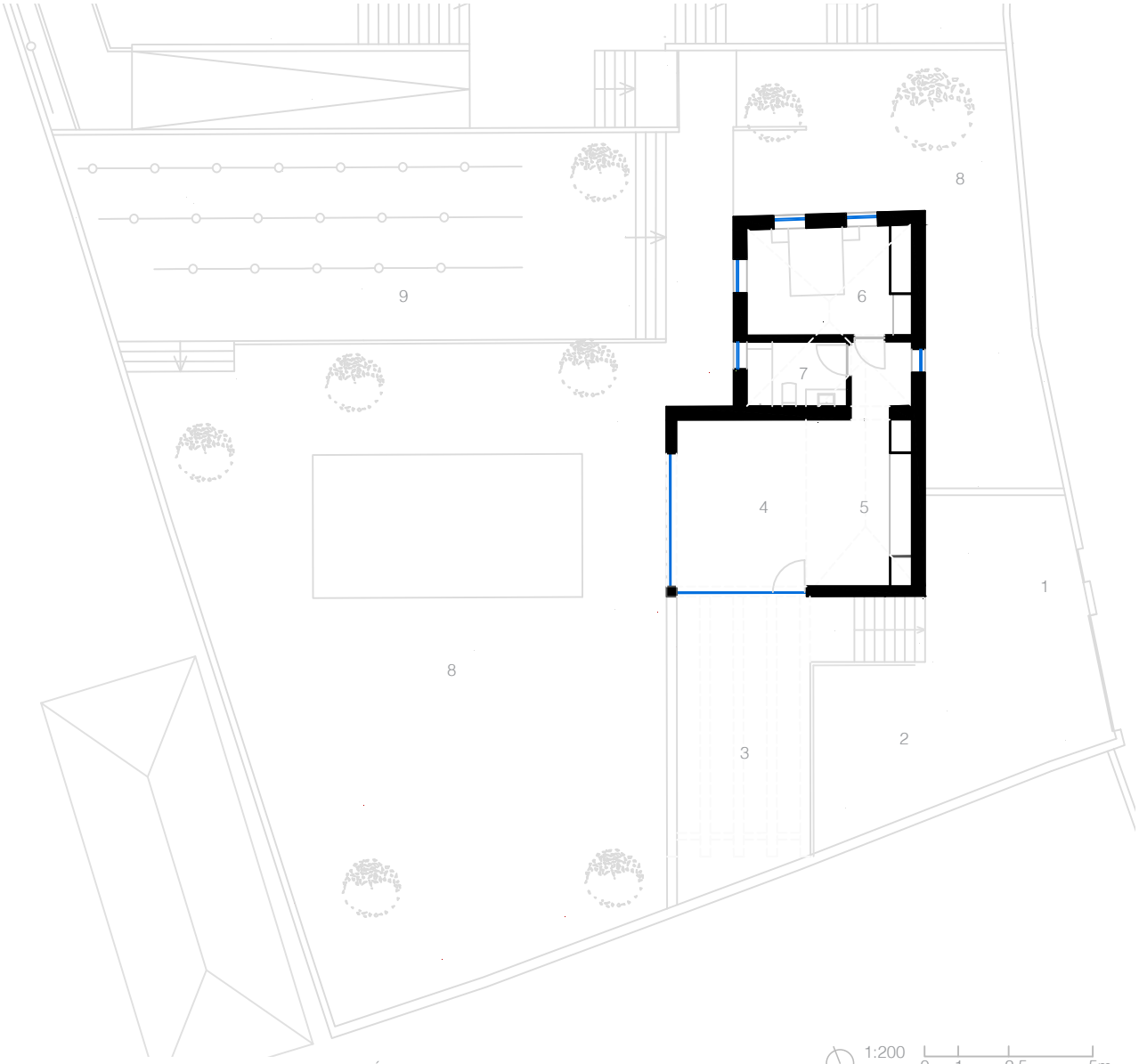


95. Casa de cima. Implantação

EXPERIÊNCIA IMERSIVA

Ao conceber a ideia de projeto para esta pequena casa foram surgindo uma série de elementos chave que me pareceram importantes para promover a atmosfera pretendida. A piscina, zona de estar coberta e zona agrícola são pensadas em conjunto com o espaço interior da casa trabalham em uníssono de forma a reunir condições para receber de forma intensa e eficaz todos os tipos de clientes que apareçam.
Tendo foco no lazer e descanso, estes espaços foram pensados em ligação, seguindo uma lógica de relação entre as partes e o todo no seu posicionamento. Posicionamento esse que procura acentuar as sensações promovidas pela envolvente. A zona coberta, desenhada no seguimento da sala interior e com reforçada ligação à mesma devido às longas traves que a cobrem, é um espaço onde é feita a receção dos hóspedes no edifício, assim como também serve o propósito de lazer, conferindo proteção do forte clima que se sente na região nas diferentes alturas do ano. No seguimento exterior, um grande jardim com piscina, completa este que é o primeiro momento no interior do lote. Estes espaços, além de se complementarem entre si, são também parte integrante do desenho interior da sala. Separados por vidros, a presença dos elementos e troca de estímulos constantes na casa, faz com que o hóspede seja imerso nesta realidade, sendo que cabe à arquitetura a decisão de como se sente o espaço mas não como se deve viver o mesmo.
A pequena zona agrícola surge como uma adição lógica para obter a experiência total do local, sendo que é colocada no momento de transição entre zona pública e privada. Serve também como um dispositivo de transição no jogo de cotas, bloqueando assim o contacto visual para o interior do lote da casa. O seu desnível escalado conjugado com os muros reforça o seu carácter distinto, dando a entender a quem ali passa uma alteração de ambientes.
Estes momentos, que partilham forças entre si e funcionam em conjunto para promover uma experiência mais intensa e ligada ao lugar, demonstram-se também úteis e indispensáveis para a resolução do contacto entre micro universos. Desta forma, a casa define as suas relações tanto à grande escala do projeto como à pequena, tendo em foco a forma como os elementos se relacionam.



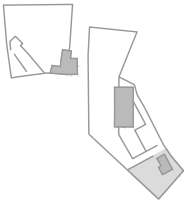


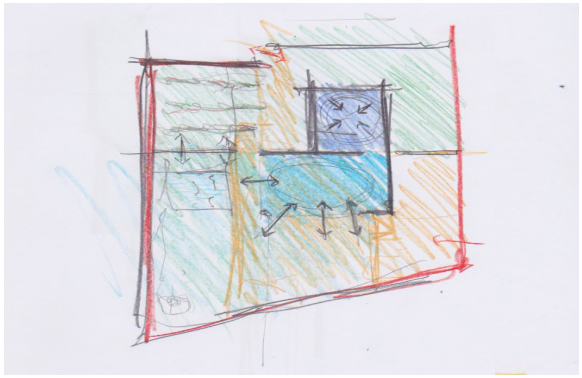
Legenda: 1- Entrada 2-Estacionamento 3-Área semi coberta 4-Sala 5-Kitchnet
6-Quarto 7-Casa de banho 8-Jardim/Piscina 9-Área agrícola

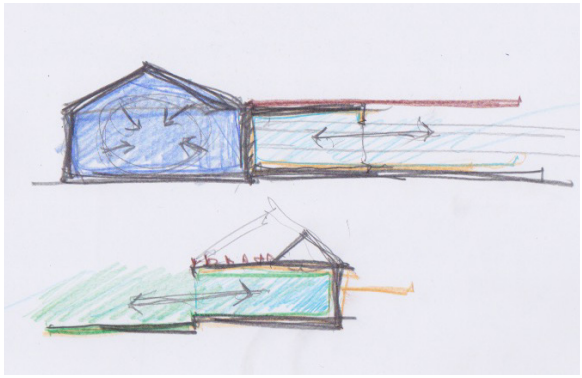
96. Casa de cima. Planta

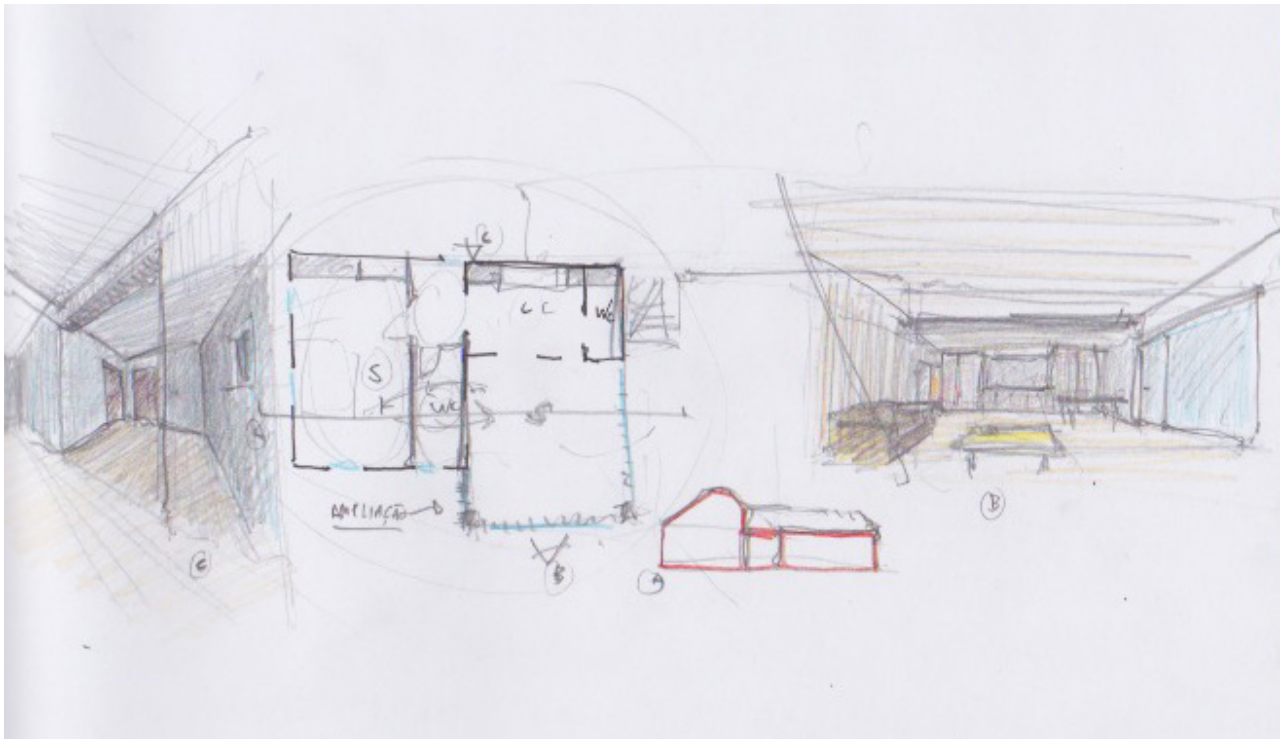
HABITAR TEMPORÁRIO

Nesta pequena casa, o grande objetivo era criar um espaço íntimo ligado com o exterior e que trouxesse novos momentos para a experiência dos hóspedes. Desta forma, no seu desenho interior, a casa foi dividida em dois momentos, um mais livre, presente na sala de estar e com grande ligação ao exterior e outro mais contido, referente ao quarto e casa de banho, presentes no antigo volume da casa.
No primeiro momento, um espaço amplo de 35 m2 agrega a sala e a cozinha. Esta opção de unir as duas atividades surge não só por uma economia de espaço mas também para um incentivo ao ambiente pretendido, estimulando a vida em comunhão, sem barreiras físicas, numa estadia que se quer marcada pelas relações ricas entre elementos orgânicos e materiais. Os já referidos vãos envidraçados desempenham um papel determinante na espacialidade do espaço, transformando esta divisão algo compacta num espaço bastante mais abrangente. A polivalência deste espaço alarga-se também em programa, sendo que a sala tem a capacidade de se transformar em quarto com um simples sofá-cama. Desta forma, o espectro de possíveis clientes expande-se beneficiando a Quinta.
O segundo momento da casa, relativo ao antigo volume, tem uma atmosfera distinta. Acessível por um pequeno hall que faz a articulação entre os três compartimentos da casa, esta área aproveita em parte o seu pé direito que acompanha o desenho do telhado e cria uma espacialidade mais ampla. As janelas, que não ultrapassam o metro de largura, equilibram o peso que as grossas paredes incutem no espaço. Esta atmosfera intimista foi uma das razões para o aproveitamento da antiga construção. Durante o processo, pareceu-me ser indispensável esta manutenção do desenho de forma a manter parte da essência desta casa.
A casa de banho é colocada entre a sala e o quarto e acessível pelo espaço de articulação, indo de acordo com a possibilidade de utilizar a sala como espaço de dormir.
Este jogo de atmosferas entre as diferentes atividades da casa acaba por funcionar como um acelerador ou travão de estímulos. No momento mais contido, a atmosfera promove a introspeção



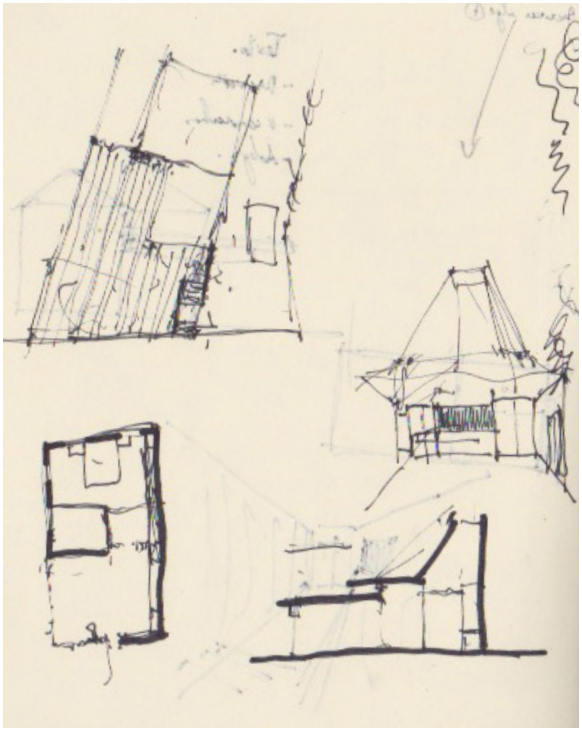


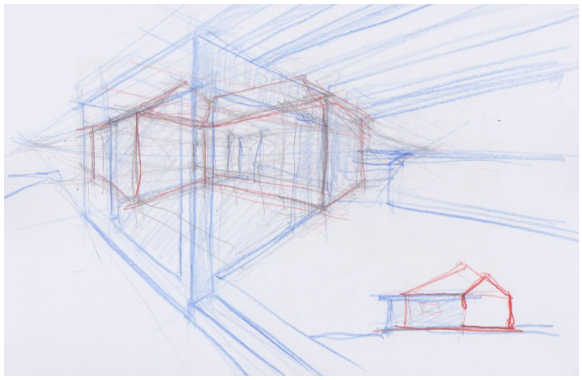




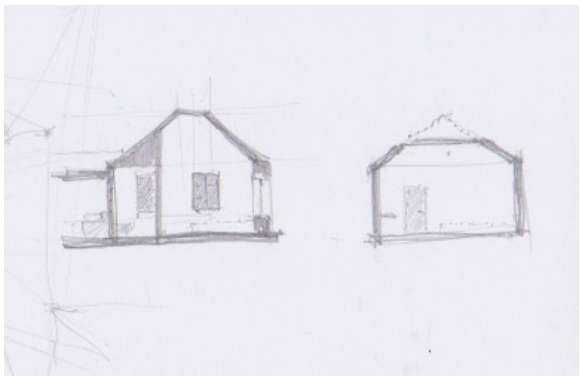
97. Esquisso planta de relações/ambientes
98. Esquisso corte de relações/ambientes
99. Esquissos de projeto. Planta e vistas.

e a reclusão necessária para as atividades lá praticadas bloqueando o exterior e focando o indivíduo em si. Já no momento relativo à sala e, inevitavelmente aos espaços exterior associados, a atmosfera é rica em estímulos, mantendo trocas constantes entre as partes que a compõe. Desta forma, os momentos inerentes ao habitar estão definidos, tendo as suas características pensadas conforme o seu propósito.

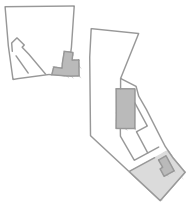


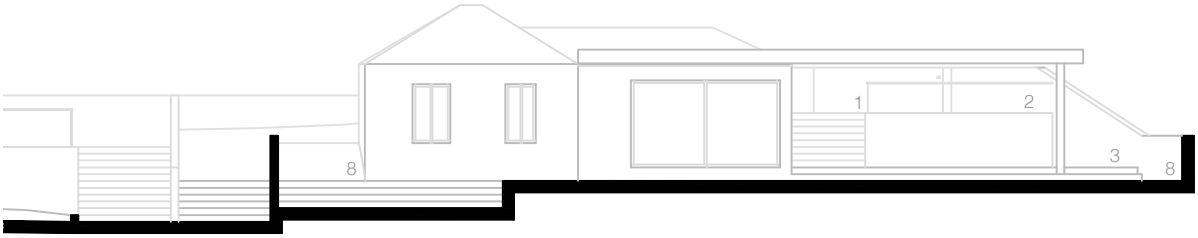


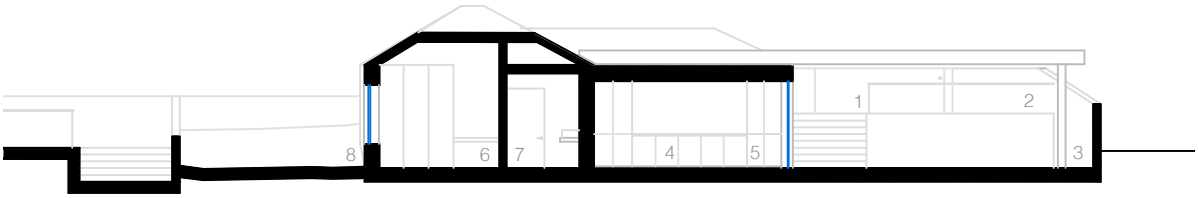


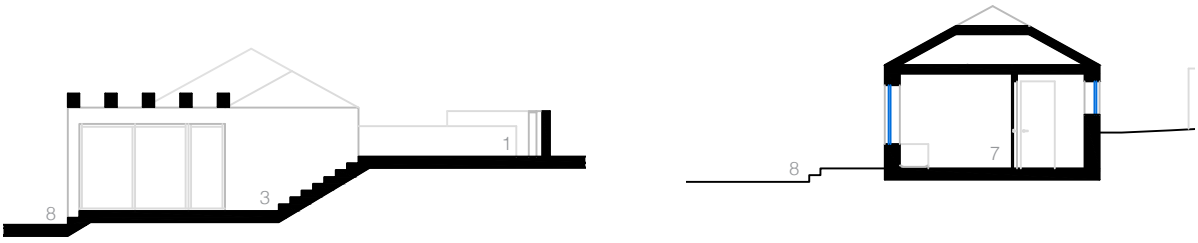


100. Esquissos de projeto. Casa de cima
101. Confronto entre volume antigo e novo
102. Vista quarto
103. Corte quarto









Legenda: 1- Entrada 2-Estacionamento 3-Área semi coberta 4-Sala 5-Kitchnet
6-Quarto 7-Casa de banho 8-Jardim/Piscina 9-Área agrícola

1:200 0 1 2,5 5m

104. Alçado jardim
105. Corte longitudinal
106. Alçado entrada
107. Corte transversal

CONSIDERAÇÕES FINAIS
O que via. O que vejo.

Chega o momento de conclusão do trabalho. Este, que é o resultado de toda a minha experiência na faculdade e que com tantos desafios me foi formando, construindo não só bases profissionais como também moldando parte da minha forma de ver e viver as coisas.
Esta tese, que surje enraizada às fortes memórias que tenho da Quinta e do gosto que o meu avô tinha na vinha, serviu como pretexto para abordar e aprofundar o contacto com modalidades da arquitetura que me suscitaram especial interesse durante o curso. A possibilidade de trabalhar temas relacionados com o habitar assim como a temática dos espaços de produção industrial, serviram para pôr em prática os conhecimentos e referências que retive durante o curso. Em todos os casos, o foco do desenho esteve sempre na função, no ambiente pretendido e de que forma esse espaço se relaciona com o todo, seja numa abertura, alinhamento ou pelos momentos do percurso. A arquitetura aplicada teve início no olhar, maturou-se no raciocínio e no esquisso para, por fim, se materializar neste conjunto de textos que tentam explicar as minhas opções de projeto.
Desde os primeiros contactos com a Arquitetura dentro da faculdade que me tem sido percétivel uma mudança na forma como olho o mundo. Tudo o que me envolve ganhou medida, escala, peso e textura. Simultaneamente, assimilo relações que me eram invisíveis e que agora se apresentam de forma natural, automática e inerente à minha capacidade percetiva. As coisas antigas, essas que sempre conheci e tive como sendo aquilo que eram, alteraram, ganharam novas características por finalmente perceber, ou achar que percebo de melhor forma, o que as compõe. Na Quinta da Aurora, lugar que durante toda a vida me foi familiar e julgava conhecer como a palma da mão, percebi de forma gritante

esta mudança de foco quebrando uma série de noções que tinha sobre o terreno e as construções dele. Desde as volumetrias do terreno ao potencial das construções presentes, por várias vezes fui mudando de opinião, rendido ao que a nova evidência me sugeria.
De forma geral o desafio de projeto a que me propus elevou em muito as dificuldades expectadas. O contacto com este jogo algo complexo de realidades e momentos distintos levou-me a situações de decisão e justificação do gesto que serviram para reforçar convicções e ideias que tinha retidas durante o curso. Ao mesmo tempo permitiu-me abordar novas formas de resolver os problemas, adotando gestos que não me tinham sido familiares até então.
É desta forma que encerro este capítulo, agradecido pelo percurso feito e com entusiasmo pelo início de uma etapa que adivinho ainda mais desafiante e enriquecedora.



108. “The other side of the wall”; Painting exhibited at Introspection, Sansriti Bhavan, Panaji, Goa in 2018

BIBLIOGRAFIA

-AA. VV., “Arquitectura popular em Portugal” (coord. João Afonso, Fernando Martins, Cristina Meneses); Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004 (1ªed. 1961), vol I

-AA. VV., “Arquitecturas da paisagem vinhateira” (coord. Natália Fauvrelle); Peso da Régua: Fundação Museu do Porto, 2008

-AA.VV., “Viver e saber fazer. Tecnologias tradicionais da Região do Douro. Estudos preliminares (Teresa Soeiro et al); Peso da Régua: Fundação Museu do Douro, (2ªed. revista), 2006

-AA. VV., “Wine and architecture” (dir. einz-Gert Woschek, Denis Duhme, Katrin Friederichs); Munich: Detail (1ªed.), 2012

-AA. VV., Wine tourism around the World: development, management and markets (ed. por C. Michael Hall, Liz sharples, Brock Cambourne e Niki Macionis); New York: Routledge (1a ed. 2000), 2011

-AGUIAR, Fernando; “O Alto Douro Vinhateiro, uma paisagem cultural, evolutiva e viva”; Douro, Estudos & Documentos, 2002

-APPLETON, João; “Reabilitação de edifícios antigos, patologias e tecnologias de intervenção”; Lisboa: Orion, 2003

-BAEZA, Alberto Campo; “A ideia construída”; Lisboa: Caleidoscópio, 2017

--BAEZA, Alberto Campo; “Pensar com as mãos”; Lisboa: Caleidoscópio, 2015

-BARRETO, António; “Um retrato do Douro”; Lisboa: Edição Vista Alegre, 1984

-FIGUEIREDO, Augusto de; “Construções rurais: habitações, estábulos, oficinas e arrecadações agrícolas (incluindo materiais e sua preparação)”; Porto: Livraria Chardron, 1905

-GRACIA, Francisco de; “Construir en lo construído: la arquitectura como modificación”; Madrid: Nerea, 2011

-HIGINO, Nuno; “Álvaro Siza: Desenhar a hospitalidade”; Matosinhos: Casa da Arquitectura, 2010

-MONTEYS, Xavier e FUERTE, Perez; “Casa Collage, Un Ensayo Sobre la Arquitectura de la Casa”; Barcelona, Editorial Gustavo Gili; 2003;

-MOURA, Ana Luísa; “Quintas do douro: análise tipológica do conjunto edificado, séc. XVIII-XX”, prova final, docente acompanhante Prof. manuel Fernandes de sá; Porto: FAUP, 2005

-MOUTINHO, Mário; “A arquitetura popular portuguesa”; Lisboa: Editorial Estampa, 1995 (1ª ed.1978)

-NEVES, José Manuel; “Portuguese Contemporary Wine Architecture”; Lisboa: Uzina Books, 2017

-SILVA, Elsa Peralta da, “Património e identidade. os desafios do turismo cultural”
in revista antropológicas #4, Porto: edições universidade Fernando Pessoa, 2000 (versão online em http://ufpbdigital.ufp.pt/dspace/bitstream/10284/1713/3/217-224. pdf

-PEREIRA, Mariana Abrunhosa; “As arquitecturas do vinho de um porto monofuncional”, revista da Faculdade de Letras, História; Porto: 2008, iii série, vol. 9, páginas 169-192 (versão online em http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6737. pdf)

-SIZA VIEIRA, Álvaro; “01 textos”; Porto: Civilização ed., 2009

-SIZA VIEIRA, Álvaro; “Imaginar a evidência”, trad. Soares da Costa; Lisboa: Edições 70, 2000 (1ªed. Guido Giangregorio, Immaginare l’évidenza, 1998)

-TÁVORA, Fernando; “Da organização de Espaço”; Porto: FAUP Publicações, 2007

-TORGA, Miguel; “Diário Douro”; Porto: Edições Caixotim, 2007 (1ªed. textos de 1934 a 1990)

-ZUMTHOR, Peter; “Atmosferas”, trad. Astrid Garbow; Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2009

-ZUMTHOR, Peter; “Pensar a arquitectura”, trad. Astrid Garbow; Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005

-Arquitectura Ibérica, Reabilitação, Casal de Cambra: Arquitectura Ibérica nº05

-Arquitectura Ibérica, Hotéis, Casal de Cambra: Arquitectura Ibérica nº37

CRÉDITOS DAS IMAGENS

1. “Transporte de uvas nas vinhas do Douro”; autor desconhecido; http://etnografiaefolclore.blogspot.com/2012/09/

2. “Armazenamento das pipas”; autor desconhecido; https://espalhafactos.com/2015/10/19/3-plataformas-online-para-ficares-a-gostar-ainda-mais-de-vinho-portugues/

5. Adega Mayor; 2007; Arq. Álvaro Siza Vieira; fotografia de Fernando Guerra; https://ultimasreportagens.com/178.php

6. Quinta do Portal; 2008; Arq. Álvaro Siza Vieira; fotografia de Fernando Guerra; https://www.ultimasreportagens.com/266.php

8. “Things come apart”; Todd McLellan ; https://www.thisiscolossal.com/2013/05/things-come-apart-a-new-book-of-disassembled-objects-by-todd-mclellan/

9. “Things come apart”; Todd McLellan ; https://www.thisiscolossal.com/2013/05/things-come-apart-a-new-book-of-disassembled-objects-by-todd-mclellan/

12. “Natureza morta com maças”; 1887-88; óleo sobre tela; Vincent Van Gogh ; https://www.akg-images.fr/archive/Nature-morte-aux-pommes-2UMDHUVNXOTC.html

13. Socalcos do Douro; autor desconhecido

37. Casa Lina; 2006-09; Arq. Nuno Valentim; http://www.nunovalentim.com/casa-lina/

38. Casa Lina; 2006-09; Arq. Nuno Valentim; http://www.nunovalentim.com/casa-lina/

39. Calçada de Santo Amaro; 2014-16; Arq. Nuno Valentim e Maria Ana Sousa Coutinho; http://www.nunovalentim.com/calcada-de-santo-amaro/

40. Calçada de Santo Amaro; 2014-16; Arq. Nuno Valentim e Maria Ana Sousa Coutinho; http://www.nunovalentim.com/calcada-de-santo-amaro/

41. Calçada de Santo Amaro; 2014-16; Arq. Nuno Valentim e Maria Ana Sousa Coutinho; http://www.nunovalentim.com/calcada-de-santo-amaro/

56. “Essentiality: More with Less”; Alberto Campo Baeza; http://oa.upm.es/32433/1/AU264.pdf

58. Vista aérea Centro de Conferências Vitra; 1993; Tadao Ando; https://www.pinterest.com/pin/563935184584501947/

59. Entrada Centro de Conferências Vitra; 1993; Tadao Ando; https://www.behance.net/gallery/83162027/Vitra-Conference-Pavilion-Tadao-Ando

64. Fundación casa wabi; 2014; Arq. Tadao Ando; fotografia Studio Zabé; https://divisare.com/projects/283024-tadao-ando-fundacion-casa-wabi

65. Vista exterior do centro de conferências Vitra; 1993; Tadao Ando; fotografia de Xavier de Jauréguiberry; https://www.behance.net/gallery/83162027/Vitra-Conference-Pavilion-Tadao-Ando

75. “Casa em Moledo”; 1998; Arq. Eduardo Souto de Moura; fotografia por Fernando Guerra; https://www.facebook.com/ultimasreportagens/photos/eduardo-souto-de-moura-i-casa-no-moledocanonpt-canoneurope-canonambassador-canon/1723898207665460/

77. Fundación casa wabi; 2014; Arq. Tadao Ando; fotografia Studio Zabé; https://divisare.com/projects/283024-tadao-ando-fundacion-casa-wabi

78. House for a horse breeder; 2017; Diego Baraona Arquitectos asosiados; https://divisare.com/projects/398431-diego-baraona-arquitectos-asociados-erieta-attali-house-for-a-horse-breeder

82. Casa Bianchetti de Luigi Snozzi; extraído de MONTEYS, Xavier e FUERTE, Perez; “Casa Collage, Un Ensayo Sobre la Arquitectura de la Casa”; Barcelona, Editorial Gustavo Gili; 2003; p. 16

83. Fotomontagem realizada no primeiro curso de sociologia do professor Jean-Pierre Junker (ETH, Zurique,1990) sobre a casa Bianchetti de Luigi Snozzi; extraído de MONTEYS, Xavier e FUERTE, Perez; “Casa Collage, Un Ensayo Sobre la Arquitectura de la Casa”; Barcelona, Editorial Gustavo Gili; 2003; p. 16

108. “THE OTHERSIDE OF THE WALL”; Painting exhibited at Introspection, Sansriti Bhavan, Panaji, Goa in 2018; http://drypastels.blogspot.com/2019/02/the-otherside-of-wall.html